BOLETIM DA

SUPERINTENDÊNCIA DOS SERVIÇOS DO CAFÉ

SECRETARIA DA FAZENDA
SÃO PAULO • BRASIL



ANO XXXVI • MARÇO DE 1961 • N.º 409



Boletim da Superintendência dos Serviços do Café

(Editado, mensalmente, pela **SUPERINTENDÊNCIA DOS SERVIÇOS DO CAFÉ**, em continuação à "Revista do Instituto do Café do Estado de São Paulo")

Sede: Rua 15 de Novembro, 111 - 19.º and.

SÃO PAULO - BRASIL

ANO XXXVI	MARÇO DE 1961	N.º 409

Sumário

COLABORAÇÕES:

RESUMO E TRANSCRIÇÕES:

Atos Oficiais:

ESTATÍSTICAS:



De acôrdo com uma praxe geralmente adotada, êste Boletim não se responsabiliza pelos conceitos emitidos em artigos de colaboração, ou transcritos de outras publicações.

Colaboração

NOSSA CAPA

CAFEEIRO FLORIDO — Com o início da estação chuvosa, os botões florais do cafeeiro começam a desenvolver-se, e dessas floradas vinga uma certa quantidade de frutos que irão ser colhidos a partir de maio do ano seguinte. Nos Estados cafeeiros do centro-leste do Brasil, duas ou três floradas ocorrem nos meses de julho a outubro.

PEDIMOS AVISAR QUALQUER ALTERAÇÃO DE ENDERÊÇO

ESTUDO DA PRODUÇÃO DE PROGÊNIES DE CAFÉ

J. L. Vasconcelos Rocha (Eng. agrônomo, Estação Experimental "Hélio de Moraes", Jau) e

A. Carvalho (Eng. agrônomo, Secção de Genética, Instituto Agronômico, Campinas)

(continuação)

O segundo lote encerra 71 progênies, tôdas plantadas em 1946, e as produções no período 1948/53 acham-se no quadro 2. O grupo de progênies de café **Typica**, além do elevado número de falhas (n.º médio de plantas vivas por progênie de 12), apresentou a mais baixa produção. O de **Bourbon** Vermelho e das populações híbridas dessa variedade, deram produções pouco mais elevadas e o número médio de plantas vivas foi de 16. As progênies de maior produção média foram as de prefixos C 369-17 com 14,9 kg, C 496-8 com 14,8 kg e CH 291-10 com 14,3 kg de café cereja em 6 anos. Entre as progênies de **Caturra Vermelho** verificaram-se também muitas falhas (n.º médio de plantas vivas 17) e as produções de um modo geral foram pequenas. Para o **Bourbon Amarelo** notou-se uma acentuada influência do terreno, pois as progênies J 1 a J 16 deram, em conjunto, produções bem mais elevadas (média geral de 15,27 kg) do que as de n.ºs J 17 a J 30 (média geral de 9,85 kg). O número de falhas foi bem reduzido para o conjunto J 1 a J 16 (n.º médio de plantas vivas de 18), indicando que se trata de bom material para trabalhos de seleção. Entre as progênies J 17 a J 30, devido ao terreno, o número médio de plantas vivas foi de apenas 13. Considerando que estas progênies formam dois grupos, pode dizer-se que no primeiro dêles destacam-se as progênies de prefixos J 4 e J 9 e, no segundo grupo, J 21, J28 e J 30. Nenhuma progênie do grupo Sumatra (J 31 a J 35) oriunda de Mineiros do Tietê, se sobressaiu pela produção, embora tôdas se tenham mostrado bem uniformes quanto a êste característico.

Quadro 2. — Pordução mêdia, em kg de fruto maduro, no período 1948-1953, variabilidade e limites de confiança, do lote de progênies plantado em 1948, em Jau.

Progênies	Produção média	Graus de liberdade	Êrro da média	Diferença mínima significativa	Limites de confiança	Sementes			Peneira média
						Chato	Moca	Concha	
	kg		kg	kg	kg	%	%	%	
Typica									
M 1	5,00	9	1,0548	1,9334	3,07 – 6,93	83,0	15,2	1,8	—
M 2	4,92	12	0,4867	0,8673	4,05 – 5,79	84,1	13,9	2,0	—
M 3	5,70	16	0,5423	0,9469	4,75 – 6,65	83,0	16,9	0,1	—
M 4	5,14	6	1,2247	2,3796	2,76 – 7,52	82,7	15,4	1,9	—
M 5	2,33	8	0,4081	0,7591	1,57 – 3,09	83,7	14,3	2,0	—
M 6	2,75	7	0,5590	1,0593	1,69 – 3,81	84,9	13,6	1,5	—
M 7	3,56	15	0.,4698	0,8236	2,74 – 4,38	82,3	15,7	2,0	—
M 8	2,50	16	0,8608	1,5030	1,00 – 5,50	80,5	17,2	2,3	—
Amarelo Botucatu									
M 10	3,22	8	0,6235	1,1597	2,06 – 4,38	80,6	17,5	1,9	—
Bourbon Vermelho									
46–11	12,00	16	0,6417	1,1204	10,88 – 13,12	81,6	15,4	3,0	17,08
46–20–8	12,73	18	0,4836	0,8386	11,89 – 13,57	82,7	14,4	2,9	16,95
46–20–14	11,86	14	0,7432	1,3088	10,55 – 13,17	84,5	13,0	2,5	16,54
H 284–10	13,81	15	0,5244	0,9193	12,89 – 14,73	82,8	14,4	2,8	16,67
H 287–1	13,38	12	0,9707	1,7298	11,65 – 15,11	81,5	15,0	3,5	16,92
H 291–10	14,31	18	0,9763	1,6929	12,62 – 16,00	82,5	14,4	3,1	16,76
H 291–15	13,57	13	1,6993	3,0095	10,56 – 16,58	80,7	16,3	3,0	16,59
H 298–17	13,44	17	1,4783	2,5722	10,87 – 16,01	78,1	18,1	3,8	16,88
361	11,93	15	0,9059	1,5880	10,34 – 13,52	82,0	15,3	2,7	16,99
361–10	11,72	17	0,7881	1,3713	10,35 – 13,09	81,2	16,3	2,5	16,86
361–15	12,20	14	1,7321	3,0502	9,15 – 15,25	76,5	19,6	3,9	16,89
368–17	13,87	15	0,7637	1,3388	12,53 – 12,21	81,8	15,6	2,6	16,88
369–17	14,94	15	0,8849	1,5512	13,39 – 16,49	83,4	14,3	2,3	16,97
372–16	12,00	9	0,7453	1,3661	10,63 – 13,37	81,1	16,3	2,6	16,99
376–1	13,53	16	1,2369	2,1596	11,37 – 15,69	84,7	13,6	1,7	17,42
376–20	13,18	15	0,7664	1,3435	11,84 – 14,52	83,5	14,0	2,5	17,51
378	12,56	15	0,7692	1,3484	11,21 – 13,91	85,5	12,1	2,4	17,53
491–4	11,61	17	0,6235	1,0849	10,53 – 12,69	82,2	14,2	3,6	17,19
492–8	11,16	18	1,0050	1,7427	9,42 – 12,90	83,7	15,4	0,9	17,10
492–16	10,46	14	0,6173	1,0871	9,37 – 11,55	84,3	13,7	2,0	17,26
496–8	14,83	11	1,2083	2,1701	12,66 – 17,00	86,6	11,1	2,3	17,14
Caturra Vermelho									
811	9,71	13	0,5026	0,8901	8,82 – 10,60	80,5	17,2	2,3	16,86
815	9,93	15	0,5808	1,0181	8,51 – 10,53	81,4	16,6	2,0	16,82
816	8,77	17	0,6931	2,2060	7,56 – 9,98	81,8	15,7	2,5	17,10
817	11,73	18	0,9081	1,5746	10,15 – 13,30	82,9	15,2	1,9	16,94
818	11,30	19	0,6587	1,1389	10,16 – 12,44	82,6	16,1	1,3	17,00
Bourbon Amarelo									
M 9	9,29	16	0,7975	1,3924	7,90 – 10,68	84,9	13,3	1,8	—
J 1	16,15	19	0,9581	1,6574	14,49 – 17,81	79,7	18,7	1,6	17,3
J 2	15,25	19	0,8642	1,4942	13,76 – 16,74	79,5	19,0	1,5	17,3
J 3	15,15	19	0,5103	0,8823	14,27 – 16,03	81,8	15,9	2,3	17,5
J 4	20,00	19	0,7828	1,3535	18,70 – 21,40	80,5	16,9	2,6	16,9
J 5	14,70	19	0,6507	1,1251	13,57 – 15,83	81,1	16,8	2,1	17,3
J 6	16,00	19	0,5979	1,0338	14,97 – 17,03	82,3	15,3	2,4	17,2
J 7	14,95	19	0,4438	0,7673	14,18 – 15,72	80,6	17,0	2,4	17,2
J 8	14,75	19	0,5176	0,8949	13,86 – 15,64	78,8	19,1	2,1	17,4
J 9	16,70	19	0,5477	0,9470	15,75 – 17,65	80,3	18,3	1,4	17,1
J 10	13,88	16	1,1113	1,9403	11,94 – 15,82	80,1	16,2	2,7	17,6
J 11	13,72	17	1,3820	2,4047	11,32 – 16,12	80,7	17,4	1,9	17,5
J 12	15,94	17	0,4464	0,7767	15,16 – 16,72	83,2	14,2	2,6	17,6
J 13	14,95	19	0,6379	1,1029	13,85 – 16,05	82,6	14,8	2,6	17,3
J 14	13,80	19	0,9074	1,5689	12,23 – 15,37	83,7	13,5	2,8	17,2
J 15	13,60	19	0,7590	1,3123	12,29 – 14,91	78,1	19,8	2,1	17,2
J 16	14,80	19	0,6129	1,0597	13,74 – 15,86	80,3	17,1	2,6	17,5
J 17	8,77	17	0,7364	1,2813	7,49 – 10,05	76,8	19,1	3,5	16,4
J 18	10,06	15	0,5361	0,9398	9,12 – 11,00	82,1	16,1	1,8	16,6
J 19	10,50	15	0,7799	1,3672	9,13 – 11,87	79,4	17,6	3,0	17,1
J 20	10,25	15	0,6807	1,1933	9,06 – 11,44	77,2	20,9	1,9	17,0
J 21	11,05	17	0,8929	1,5536	9,50 – 12,60	82,2	15,3	2,5	17,4
J 22	8,66	11	0,5707	1,0250	7,63 – 9,69	83,2	14,1	2,7	17,3
J 23	10,42	13	0,4547	0,8053	9,61 – 11,22	81,7	15,7	2,6	17,2
J 24	9,43	15	0,8266	1,4490	7,98 – 10,88	83,0	15,3	1,7	17,2
J 25	10,35	16	0,7475	1,3051	9,04 – 11,66	81,9	15,7	2,4	16,9
J 26	8,16	11	1,0371	1,8626	6,30 – 10,02	79,3	19,1	1,6	17,0
J 27	9,75	15	0,3952	0,6928	9,06 – 10,44	82,5	15,8	1,7	17,3
J 28	11,06	15	0,6356	1,1142	9,95 – 12,17	80,4	15,9	3,7	17,0
J 29	9,36	18	0,4492	0,7789	8,58 – 10,14	81,8	16,1	2,1	17,2
J 30	10,10	19	0,5229	0,9041	9,20 – 11,00	80,5	17,1	2,4	17,4
Sumatra									
J 31	8,08	12	1,0651	1,8980	6,18 – 9,98	73,4	22,6	4,0	17,32
J 32	8,95	19	0,5147	0,8899	8,06 – 9,84	74,8	20,9	4,3	17,17
J 33	8,36	18	0,5540	0,9606	7,40 – 9,32	77,9	19,0	4,1	17,31
J 34	9,61	17	1,1447	1,9918	7,62 – 11,60	75,6	21,5	2,9	17,33
J 35	10,75	15	0,9151	1,6042	9,15 – 12,35	79,2	18,8	2,0	17,40

(continua no próximo Boletim)

RELATÓRIO DE VIAGEM DE ESTUDOS À COLÔMBIA

ADOLFO CHEBABÍ
Eng. agrônomo
(Instituto Agronômico de Campinas)

(Conclusão)

PERSPECTIVAS DA PRODUÇÃO COLOMBIANA

Valem-se os cafeicultores colombianos, modernamente, de algumas novas técnicas visando o aumento da produtividade, e em conseqüência dessa disposição é lícito admitir-se uma lenta, mas continuada e segura dilatação de sua produção exportável. Do ponto de vista competitivo, essa parcela a mais de café colombiano que entrará seguidamente no mercado em condições de preferência, não deve ser, ao nosso ver, desprezada na reformulação de nossa política do café.

Na verdade, contam os cafeicultores da Colômbia, a seu desfavor, com diversas dificuldades — as condições de topografia do solo; o alto custeio e outras de ordem social — mas o fato é que, sem embargo delas, a alta cotação mundial do seu produto cria as condições econômicas suficientes para aquela expansão produtiva.

Além do incremento da adubação química, o programa em busca de melhor produtividade se fundamenta em três pontos: a) diminuição da sombra e aumento do número de plantas por hectare; b) poda ou decepação do tronco, no intuito de formar o que êles chamam de "talhe múltiplo" — numa espécie de versão colombiana para a nossa moita de 4 **plantas; c)** substituição (já iniciada) da variedade comum ou **típica**, pelo **caturra**. É exatamente nesta última medida que os cafeicultores da Colômbia depositam suas maiores esperanças. E, se, generalizar a aplicação dessas providências técnicas sofrerá a produção colombiana aumento substancial, muito embora, essa generalização demande tempo relativamente longo.

Para finalizar êste tópico, convém assinalar o fato irretorquível de ser o café, nas regiões montanhosas da Colômbia, a cultura por assim dizer "Sine qua non": nenhuma outra exploração poderia ser tentada com semelhante êxito econômico. Ou, melhor esclarecendo, qualquer outra exploração seria, ao menos no momento, totalmente deficitária. Precisamente pela contingência que impede, liminarmente, a diversificação cultural, entregam-se os colombianos ao café numa luta que representa sua própria sobrevivência econômica. E o fazem com denodo, com descortino e com absoluta lucidez, através de um comando único na direção dos negócios cafeeiros — absolutamente convictos das dificuldades que os cercam.

ASPECTOS DESFAVORÁVEIS DA CAFEICULTURA COLOMBIANA

Além dos já mencionados, de relance — topografia acidentada e custeio elevadíssimo — há outros aspectos desvantajosos cuja menção deve servir para ressaltar as incríveis facilidades com que contamos, em São Paulo,

quando a questão é examinada comparativamente. Somos batidos, sabe-se — ùnicamente porque teimamos em produzir muito e mau café, e produzir muito a custa de uma exploração extrativa e extensiva.

Apesar de sua riqueza natural, tem o solo colombiano, tendência de se empobrecer, mais ràpidamente, que os nossos, em virtude da maior lixiviação resultante das excessivas chuvas, fato que conduz à maior necessidade, ainda, do emprêgo de fertilizantes.

Sôbre possibilitar (e mesmo obrigar) a obtenção de um produto de alta qualidade, a colheita torna-se demasiado onerosa, bastando citar que em certas regiões (Chinchiná, por exemplo) chegam a ser feitas, num ano agrícola, 30 "passes" ou colheitas parciais. Como já dissemos, e é sabido, êsse obstáculo é compensado pela cotação do café colombiano, atualmente a US$52,00 por saco de 60 quilos.

Mais alarmante e difícil de contornar é o problema social, traduzido pela evidente inquietação do trabalhador rural, cujo salário há de ser, inevitàvelmente, aumentado. Êsse aumento terá que ser feito a custa da pequena margem de lucro do cafeicultor. Quando se sabe que não é lícito admitir-se, para breve, uma melhor cotação do café para o produtor colombiano, mais grave se torna a situação social aqui mencionada.

Para ilustrar o elevado custo de produção do café da Colômbia, registramos êstes dados:

Salário/dia médio do trabalhador 196,00 (7 pesos)
Colheita de 52,5 litros "cereja" 98,80 (3,5 pesos)
Valor de 1 ha de terra nua 140.000,00 (5.000 pesos)
Preço de 1 TON. adubos imp. pela F.N.C. 19.000,00 (aproximadamente)
1 Pêso = CR$ 28,00.—

O simples exame dêsses dados dispensa qualquer outro comentário: não toleraria a economia cafeeira colombiana uma depressão dos preços internacionais do café. **É precisamente diante dessa conjunctura econômica que a Colômbia, senhora do mercado e de um café altamente preferido, cuida especìficamente do aumento da produtividade,** como recurso para conseguir arrefecer um pouco o alto custo de produção de seu café. E o faz, naturalmente, com tôdas as forças de que é capaz.

SUGESTÕES PARA A NOSSA POLÍTICA CAFEEIRA

Temos, em São Paulo, solo de boa topografia, fértil ou fàcilmente fertilizável; um clima que torna a colheita cinco vêzes, pelo menos, mais fácil que a colheita colombiana, excelente organização empresarial e sobretudo valioso acervo de conhecimentos técnicos agronômicos. Produzimos relativamente a baixo custo, quando se faz a comparação com os demais produtores latino-americanos. E, no entanto, estamos sendo alijados do mercado mundial, por efeito de apresentarmos um café de qualidade inferior.

Nossa meta, pois, terá que ser: aprimorar o preparo do produto e êste é um ponto evidentemente pacífico. Para fazê-lo, contudo, urge multiplicar a produção **por pé por área cultivada,** sabido que café fino demanda vertical

encarecimento do custeio, e sòmente é possível fazê-lo, substancialmente, a poder da compensação, que um alto rendimento agrícola pode oferecer. Alto rendimento é sinônimo de lavoura moderna, lavoura racional — cujo cultivo é menos oneroso e cuja produtividade é algumas vêzes superior à das lavouras antigas.

O rumo será portanto **substituir** lavouras velhas, por lavouras racionais, nas zonas ecològicamente indicadas, tal como é programa do govêrno. É mister, porém, fazê-lo com maior urgência e efetividade. É êste também outro ponto absolutamente pacífico. Não vamos repetir as incontáveis vantagens técnicas e econômicas que uma lavoura moderna determina. Mas não podemos nos eximir de repisar que o problema é o da colheita **que em sua maior proporção deve ser feita do café cereja**, para ulterior despolpamento — nas zonas indicadas.

A êsse respeito, ousamos sugerir, em resumo:

a) **Despolpamento** imediato nas regiões de café de bebida Rio e riado e que, por coincidência talvez, são as que favorecem maturação mais lenta, susceptível, assim de possibilitar a colheita do "cereja".

b) **Aprimorar a derriça** nas regiões de maturação acelerada e nas quais é possível conseguir-se, com êsse pequeno esfôrço, cafés de bebida mole e mesmo estritamente mole, em abundância. É possível, ainda, nestas zonas a obtenção de algum "despolpado" mediante a separação mecânica do "cereja", do café da "derriça".

Com base nessas medidas, se tomadas generalizadamente, poderíamos inclusive competir em "qualidade" com a Colômbia, em certa proporção de nosso produto de exportação — e, com outra parcela ponderável, de boa bebida se bem que não "despolpado", estaríamos diminuindo o deságio entre o nosso café de terreiro e os "suaves" da Colômbia e América Central. E, por outro lado, estaríamos enfrentando com vantagem evidente o café africano, em um mercado que cada vêz se torna mais exigente.

Medida corolária e a nosso ver muito importante, quanto a nossa estrutura agrícola-cafeeira, seria o incentivo governamental à pequena e à média propriedade cafeeira, pois sòmente em cafezais de pequeno e médio tamanho é possível fazer a colheita de elevada proporção de café no estágio de "cereja". Lavoura de 5.000 a 30.000 pés se nos afiguram de tamanho quase ideal para o propósito em causa. Seria o caso dos cafèzais a serem instalados nas propriedades-famílias que o projeto de revisão agrária prevê.

Data vênia, permitimo-nos sugerir as seguintes linhas gerais à política cafeeira que vem sendo intentada por nossas autoridades:

1.º — Consolidar e melhorar mais ainda, a atual política financeira do Instituto Brasileiro do Café, relativa aos cafés despolpados.

2.º — Campanha intensa e imediata, visando aumentar a produção dos despolpados suaves e melhorar a qualidade dos cafés de terreiro, com providências financeiras e de outras naturezas, que incentivem, ajudem e esclareçam.

3.º — Desenvolver pesquisas no sentido de identificar as zonas onde se produz, e mcondições naturais, café fino de terreiro e bem averiguar as exatas causas ou fatôres que determinam êsse fenômeno.

4.º — Criação de condições que induzam nossos cafeicultores, das zonas ecològicamente favoráveis, a proceder maciçamente a renovação de suas lavouras — reduzindo a um têrço o número de cafeeiros e multiplicando verticalmente a produtividade.

CONCLUSÃO

O conhecimento da realidade da cafeicultura da Colômbia com suas dificuldades e, paradoxalmente, com sua supremacia comercial em razão de um produto de qualidade — demonstra a nós próprios que, se defrontamos tão sério problema e tão aguda crise, devemos em grande para à nossa tradicional inadvertência, **ao usarmos e abusarmos, sem nenhum plano disciplinador,** das extraordinárias condições de clima e solo que a natureza nos ofertou. Reconhecer o êrro e traçar, sem perda de tempo, o caminho da recuperação, nos parece ser o mínimo que devemos exigir de nós mesmos — na defesa de um patrimônio das gerações futuras.





Resumos e Transcrições

Aspectos econômicos da Cafeicultura Paulista

Rubens Araujo Dias
Eng. agrônomo

(conclusão)

Fatôres Econômicos

A existência, como acabamos de ver, de um grande contingente de cafeeiros de baixo rendimento, em ocasião em que se acentua uma tendência de queda nos preços reais, indica que deve ser cada vez maior o número de lavouras que estão apresentando precários resultados financeiros. Vamos, a seguir, examinar alguns dos mais importantes fatôres econômicos que afetam a pro dução de café, dentro da atual estrutura das lavouras, de modo a se fazer uma melhor análise dêsse problema.

Custos Fixos

A êsse respeito, o primeiro ponto a ser salientado se refere à composição dos custos de produção de café. Como é de se esperar, o volume de investimento exigido pela cultura de café é bastante superior ao necessário para as culturas anuais. A pesquisa FAO/CEPAL/IBC/SA. indica que em 1958, o investimento médio por hectare de café atingia 77 mil cruzeiros, um valor como se vê bem alto. Dêsse total, a maior parte era constituída pelo valor dos pés de café — 51,3% — e da terra — 26,1%. O restante constituia-se de benfeitorias — casas de colonos, instalações necessárias etc. Grande parte dêsses investimentos tinha sido fruto de trabalho realizado na própria fazenda (preparo de terra, plantio, construção etc.). Cada um dos bens, constituintes dêsse capital, se depreciam no número de anos de suas vidas econômicas. Essa quota de depreciação é uma das partes que compõem o custo de produção representando a parte fixa, pois independe da quantidade a ser produzida. Tratando-se, portanto, de um custo fixo que recai sôbre cada hectare cultivado, é evidente que quanto menor o rendimento agrícola, mais será onerado o café aí produzido.

Partindo-se de investimentos atrás apontados, foi estimado que em 1958 o custo de depreciação montou a Cr$ 3.000,00 por hectare, isso sem computar-se depreciação pelo uso da terra.

Além dêsse custo, em tôda atividade econômica se espera que o capital produza rendimento. Se tentativamente quiséssemos remunerar o uso da terra em 3 mil cruzeiros o hectare (valor moderado) e o restante do capital fixo a uma taxa de

---

Nota da Redação: A primeira e segunda partes desta palestra, pronunciada no Centro de Debates Agronômicos, no **Curso Sôbre Produção, Industrialização e Comercialização do Café,** realizado pela Sociedade Paulista de Agronômia, foram publicados nos n.os 407 e 408 dêste Boletim.

10% (hoje fora da realidade) precisaríamos, para isso, contar com um retôrno de 8.700 cruzeiros por hectare, que adicionados ao custo de depreciação acima citado nos daria um total de 11.700 cruzeiros por hectare, ou seja cêrca de 14 mil cruzeiros por 1.000 pés, isso a preços de 1958. Nesse ano, as 36 arrôbas, por 1.000 pés (rendimento médio) possibilitavam uma renda bruta (aos preços médios vigentes em 1958 — Cr$ 1.720,00 por saca) de pouco menos de 15.500 cruzeiros por 1.000 pés. Restariam, nessa hipótese, apenas 3.800 cruzeiros por 1.000 pés para atender aos custos variáveis que são os mais prementes e à remuneração do empresário. É evidente que tal quantia é irrisória para êsse fim.

Cabe aqui salientar que a remuneração dessa parte fixa só ocorre depois de cobertos os custos variáveis, isto é, depois de pagos os salários, adubos, gasolina etc.

Assim, o lavrador pode continuar na produção se conseguir cobrir essa parcela de seu custo de produção, apesar de deixar com baixa remuneração ou mesmo sem remunerar o capital empatado e a sua própria função a de empresário.

Não há dúvida, pois, que a renda bruta obtida nesse ano, em parte ponderável de nossas lavouras, não era suficiente para remunerar a parte fixa de capital empatado, estando essas lavouras sendo operadas ineficientemente do ponto de vista econômico.

Essa circunstância, no exemplo específico do café, dificulta uma rápida mudança para outras explorações, apesar da baixa produtividade econômica que está sendo conseguida.

Custos Variáveis

No tocante à parte variável do custo da produção de café, não vamos também encontrar situação que favoreça mudança fácil. Isso porque, de um modo geral, pode-se dizer que as despesas com mão-de-obra são as mais importantes, havendo mesmo um grande número de propriedades em que êsse é o fator variável pràticamente exclusivo. O emprêgo de adubos químicos, apesar de estar evoluindo bastante ùltimamente- é ainda muito restrito. Basta dizer que em 1958, apenas 13% dos cafeeiros de São Paulo receberam adubos químicos e cêrca de 30% foram de alguma forma adubados orgânicamente. São índices bem baixos — nem se falando na intensidade de aplicação — pois deixam sem receber alguma forma de adubação, cêrca de 60% das lavouras paulistas.

Pode-se também afirmar que não existe variações grandes na técnica empregada nas fazendas de café. As operações são feitas de maneira bem semelhante, qualquer que seja o tamanho da propriedade (sítios, pequenos, grandes, etc.), ou a quantidade de cafeeiros existentes. A grande maioria procede às carpas, arruações, esparramação e colheita e utilizam ùnicamente a enxada para realizar essas operações. Outras práticas, como adubações, carpas mecânicas, replantas etc., não são tão generalizadas e em muitas propriedades não são feitas todos os anos, o que diminui significativamente sua importância no custo variável. Os resultados apurados na pesquisa que estamos comentando com mais detalhes, indicam um uso médio de 72 dias — homem por hectare.

A característica atrás apontada, de que a maioria das operações cul-

turais tem de ser feita, quaisquer sejam os rendimentos a serem obtidos, confere aos cafèzais mais produtivos, à semelhança do que ocorre com os custos fixos, uma maior eficiência na utilização de mão-de-obra, fazendo com que o seu custo decline significativamente com o aumento do rendimento. Os resultados encontrados indicam que para a produção de uma saca beneficiada, o uso de mão-de-obra variava de 180 horas nos cafèzais com rendimento inferiores a 13 arrôbas até a menos de 40 horas em lavouras com rendimentos acima de 60 arrôbas por 1.000 pés. (Exemplo: Braço a Cr$ 100,00 por dia, nas lavouras de 13 arrôbas o custo do braço por saca era de Cr$ 1.800,00 e nas acima de 60 arrôbas apenas Cr$ 400,00.

O uso médio de mão-de-obra se situou em tôrno de 70 horas por saca produzida, sendo que nos 660 milhões de pés (51% dos cafeeiros adultos de São Paulo), de rendimento inferior a 24 arrôbas, se utilizava mais de 80 horas por saca beneficiada.

Não há dúvida, pois, que o mais importante recurso variável (mão-de-obra) está sendo empregado ineficientemente em um número proporcionalmente bem elevado de propriedades cafeeiras com evidente prejuízo para a economia do Estado. Êsses elementos indicam a necessidade de se deslocar os recursos que ora se encontram empregados nas lavouras de baixa produção. Na base dos dados atrás apontados, poder-se-ia exemplificar que a transferência de 180 horas de serviço das lavouras de baixo rendimento significaria a perda de 1 saca de café. No entanto, poderíamos obter outras 4,5 sacas se êsse trabalho fôsse aplicado nas lavouras de alto rendimento. Se pretendêssemos manter a produção dêsse um saco, a transferência do trabalho das lavouras de baixo às de alto rendimento faria com que liberássemos 140 horas de serviço a serem utilizadas em outras explorações. Na atual situação de superprodução não seria êsse o objetivo a ser perseguido, pois, poder-se-iam retirar os recursos aplicados ineficientemente nas lavouras antieconômicas de café, deslocando-os para outras atividades e empregando-os apenas em menor escala em novas plantações, visando manter uma produção em níveis desejáveis e com melhores rendimentos econômicos.

CONCLUSÃO

Em resumo, as principais características atuais da cafeicultura paulista são as seguintes:

1) Existe uma parcela ponderável de lavouras que podem ser consideradas como submarginais, dentro da atual estrutura de preços e de custos. Essa condição é decorrente da grande quantidade de lavouras velhas que apresentam um baixo rendimento agrícola e portanto precários resultados financeiros, o que em última análise significa não só prejuízo aos agricultores, mas se apresenta como um atestado de baixa produtividade econômica no uso dos diversos fatôres — capital, braço etc. —, com perdas para tôda a economia de São Paulo.

2) Os custos fixos da produção de café são bem altos e representam uma importante parcela do custo total de produção. Essa circunstância além de onerar de forma mais aguda a produção obtida em cafeeiros de baixo rendimento, é um

fator impeditivo das readaptações que se fazem necessárias na organização das propriedades cafeeiras.

3) Os custos variáveis por unidade de área cultivada apresentam também uma relativa rigidez, pois a variação encontrada é pequena. Isso determina um aumento na parcela de custo variável que cabe a cada unidade produzida, à medida que o rendimento decresce, colocando, portanto, essas lavouras em posiões igualmente desvantajosas.

4) Os conhecimentos técnicos atualmente existentes sôbre o cultivo de café e as variedades selecionadas que hoje se dispõem, tornam possível o estabelecimento de culturas de café altamente produtivas desde os primeiros anos de produção. Êsse novo tipo de cafèzal, do qual já existem inúmeros exemplos, apesar de requerer mais recursos para sua implantação e igualmente um maior dispêndio anual, em vista das intensivas adubações, apresentam altos resultados financeiros mesmo aos preços vigentes. Com êsse novo tipo de lavoura tem-se uma nova estrutura, com a elevação do custo variável, nêsse caso proporcional aos melhores rendimentos possíveis e com uma menor porcentagem de custos fixos que nas lavouras de tipo tradicional.

Face a essas características e considerando-se que atualmente já não se dispõe de reservas de terras virgens e que se deve também contar com contínuas elevações nos custos internos devido ao processo inflacionário, podemos sucintamente dizer que a continuação da queda de renda trará os seguintes reflexos:

a) Deverá aumentar, com o decorrer dos anos o contingente de lavouras submarginais, não só porque com o envelhecimento das árvores se verificará um decréscimo nos rendimentos, mas também porque é de se esperar que os custos continuem se elevando, apesar das quedas nos preços reais do café. Ações nesse sentido, aumentarão gradativamente o número de lavouras incapazes de produzirem rendimento adequado aos fatôres empregados. Com a continuação de tal situação deverá se notar uma intensificação no abandono dos cafèzais improdutivos, mas de qualquer modo levaria anos, talvez mais de 10, para que fôssem erradicados os cafeeiros hoje considerados dificitários. Não há dúvida que a ocorrência dessa situação representaria uma perda para a nossa economia que teria uma boa parcela de seus recursos sendo utilizados por longo período de maneira ineficiente.

b) A probabilidade do cafeicultor, detentor dêsse tipo de lavoura, modificar por livre iniciativa individual essa tendência, é bastante pequena. Qualquer esfôrço no sentido de alcançar um ponto de operação em que maior eficiência seja atingida, é, nas atuais circunstâncias, bem difícil de ser conseguida. Isso porque a intensificação de práticas, tal como, melhores tratos, adubações químicas adequadas etc., não só requer maiores disponibilidades financeiras pela elevação do custo de produção, mas também porque o reflexo dessas medidas nos rendimentos a serem conseguidos não é bastante animador quando aplicadas em cafeeiros já depauperados como é o caso da maioria de nossos cafèzais. Uma transformação mais radical — aliás a desejável — que seria a erradicação dos cafeeiros pouco produtivos, liberando fatôres — terra, braço e capital — para outras explorações e para o plantio apenas parcial de novos cafeeiros, seria também difícil de ser conseguida, sem uma aju-

da por parte do govêrno, pois nas condições de renda já descritas não haveria sobras para efetivação do investimento necessário, o qual, aliás, na atual situação do café seria arriscado, pelas incertezas que pairam sôbre o nível de preços que prevalecerá no futuro.

A êsse mesmo respeito, deve-se também salientar que além dos investimentos já comentados, haveria a necessidade do emprêgo de uma técnica agronômica bem atualizada, principalmente porque a formação dos novos cafèzais, teria, como já vimos, de ser feita em terras já cultivadas. Haveria assim, a necessidade de adequado preparo do solo, com a construção de terraços, da formação de boas mudas, utilizando-se sementes selecionadas, de plantio em nível, de adubação e trato adequados etc. Como se vê, o uso mais generalizado dêsse nível de técnica é ainda pouco comum, estando fora do alcance da grande maioria dos cafeicultores, apesar da propagação cada vez maior dos animadores resultados que estão sendo conseguidos nas lavouras de novo estilo. mesmo por parte de determinados agricultores uma nimosidade contra qualquer alteração na sua rotina, o que dificulta ainda mais uma efetiva difusão das novas técnicas.

Além disso, o corte de cafeeiros representa uma quebra imediata de receita e também de fonte para o financiamento de custeio realizado pelos bancos oficiais.

Restaria ainda ao agricultor a possibilidade de erradicar os cafeeiros pouco produtivos e utilizar a terra para outras explorações. Não há dúvida que atualmente existe em São Paulo um mercado interno cada vez mais amplo, graças ao surto de desenvolvimento por que passa a economia brasileira. Inúmeros produtos se apresentam ao agricultor com probabilidades de serem explorados com sucesso. É o caso do gado, tanto de corte como para leite, do algodão, amendoim, cereais etc. Mas mesmo nessa eventualidade o agricultor teria dificuldades de, sem auxilio do govêrno, efetivar tais alterações na organização de sua propriedade. Haveria inicialmente despesas pesadas com o corte dos cafèzais e com o preparo e proteção contra erosão dessas terras, e, dependendo da exploração escolhida, haveria a necessidade da introdução de novos equipamentos e de um dado nível de técnica que às vêzes, como no caso do algodão, teria também de ser bastante apurado. Em resumo, haveria a necessidade de ser fornecido a êsses agricultores uma eficiente assistência técnica e financeira. Assim, não se deve esperar que sòmente pela soma das ações individuais dos cafeicultores se consiga modificar, de maneira eficaz, o atual panorama da cafeicultura paulista.

c) Não resta, dúvida pois, que medidas que favorecessem essa mudança de estrutura, deveriam ser postas em execução tanto pelo Govêrno Estadual como pelo Federal. Isso, porque com a consecução dessas medidas, tôda a economia do Estado seria beneficiada. Já vimos que, nas lavouras submarginais ocorre uma baixa produtividade econômica no uso dos diversos fatôres. Assim, com a erradicação de quantidade elevada dos cafeeiros de baixo rendimento, o restante da lavoura estaria sendo operada dentro de melhores condições econômicas, a menores custos e em melhores posições de competição em relação às novas lavouras do Paraná e de outras regiões produtoras do mundo.

Haveria, de outro lado, uma liberação ponderável de recursos que poderiam ser dirigidos a outros setôres da agricultura, contribuindo sensìvelmente para atender à maior demanda de produtos agrícolas que está sendo exigida pelo alargamento que vem se verificando em nosso mercado interno. Para se ter uma idéia do montante dêsses recursos, basta dizer que a erradicação de 700 milhões de cafeeiros em São Paulo iria liberar uma área em tôrno de 800 mil hectares, ou seja uma área quase duas vêzes superior a que foi cultivada com algodão na safra de 1959/60. Evidentemente, ligada a essa liberação de terra, teriam os outros fatôres, como mão de obra e capital, que deveriam ser encaminhados a outras explorações, ou em menor escala à formação de novos cafèzais.

Além disso, a pronta eliminação de ponderável número de cafeeiros, dentro da área de rendimento insuficiente, teria a vantagem de restringir o aumento de produção já por nós comentado, que deve ainda se verificar nos próximos anos. Não resta dúvida pois, que medidas visando a eliminação em massa de cafeeiros improdutivos teriam o mérito de evitar um maior agravamento da situação estatística do produto. O alto volume de excedentes e ainda a grande produção a ser obtida, garantiriam plenamente a posição do Brasil no mercado mundial. Pelos dados apresentados no quadro I, baseados em resultados da pesquisa já citada e nos rendimentos alcançados em 1958, poderíamos estimar que o arrancamento de 700 milhões de pés de café no Estado de São Paulo, significando a eliminação das lavouras abaixo de 30 arrôbas minuição média da produção anual em tôrno de 3 milhões.

Impõe-se, assim, que os poderes governamentais instituam esquemas que induzam os lavrados a substituirem os seus cafeeiros de rendimento baixo, por outras explorações, ou mesmo por novas plantações de café, embora em proporções bem menores que as eliminadas. Só assim, seriam atingidos os objetivos já apontados, isto é, a colocação da lavoura paulista em condições econômicas mais satisfatórias, aumentando o seu poder de competição e a liberação de fatôres que seriam encaminhados a outros setores visando a atendimento da demanda por outros produtos agropecuários.



REDUZIDAS AS TAXAS SÔBRE O CAFÉ NA ITÁLIA

A recente redução no impôsto geral de estradas (IGE), decretada pelo govêrno da Itália afetará apenas ligeiramente os preços do café no varejo — segundo informações recebidas pelo IBC. A redução se verificou sôbre o custo básico de 950 liras para o café crú entrado na Itália, que era gravado por 187 liras, correspondentes ao impôsto. Com a diminuição do referido "custo base" para 550 liras por quilo, o impôsto passou a ser de 134 liras, ou seja, 153 liras por quilo. Dado o alto preço de café na Itália, e a permanência de outros gravames mais importantes, como por exemplo o impôsto de consumo, a tarifa aduaneira, e mais a taxa de direito administrativo, a redução efetuada pelo govêrno italiano no IGE não atinge montante suficiente para representar qualquer incentivo ao consumo.

(Diário de S. Paulo — 21-2-961)

POLÍTICA CAFEEIRA MUNDIAL

JACQUES LOUIS-DELAMARE

De acôrdo com algarismo preliminar, a França importou, durante o ano de 1960, 3.476.000 sacas de café contra 3.396.000 sacas, durante o ano de 1959. O aumento, portanto, é de 80.700 sacas ou de 2,37%, mas devemos considerar o fato de que, até 1.º de julho de 1959, o café vendido no distrito de Saar, Alemanha Ocidental, foi importado através da França.

Assim, pode estimar-se que 80.000 sacas de café, durante 1960, foram pràticamente deslocadas das estatísticas francesas para as estatísticas alemãs.

Em outras palavras, o aumento real das importações francesas é de aproximadamente 160.000 sacas ou 5%.

As procedências dos cafés importados pela França são as seguintes:

	1960 Sacas	%
Territórios africanos, área do franco	2.552.634	73,42
Brasil	677.367	19,48
Outros	246.699	7,10

	1959 Sacas	%
Territórios africanos, área do franco	2.577.000	75,88
Brasil	675.000	19,87
Outros	144.000	4,25

EVOLUÇÃO DA POLÍTICA CAFEEIRA

Ao que tudo indica, 1961 será o ano do café e um ano histórico.

O primeiro período dêste século foi o período das "valorizações" no Brasil, com pequenos intervalos de de estabilidade. Valorizações significavam, primeiro estocagem, e mais tarde, destruição do excedente, na expectativa de "tempos melhores". Êstes vieram sob a roupagem da guerra mundial que, na verdade, salvou o café do desastre.

O segundo período, de 1950 e 1959, foi o período de ruptura do mercado, Brasil e Colômbia praticavam uma política que propiciou o avanço africano que, com sob esta benéfica proteção, não apenas duplicou sua produção, mas foi além. Durante êsse período, os preços foram de 50 para 80 cts. e baixaram a 35 cts., causando a dupla catástrofe de permanente superprodução e colapso de preço.

Finalmente, com o terceiro período, o representante dos países produtores da América Latina concluiu, em Washington, um acôrdo internacional baseado em cotas de exportação e, em 1960, estendeu o acôrdo à maioria dos países produtores em todo o mundo.

Se, em 1961, como esperamos, os países importadores sustentaram o acôrdo e se se reunirem em volta de

uma mesa com os países produtores, o órgão capaz de resolver o intrincado problema do café estará, então, pronto para trabalhar.

Mas o trabalho não será fácil e julgamos oportuno insistir naquilo que estamos escrevendo, há já uns poucos anos e que consideramos ser a chave mestra da política cafeeira mundial:

— Uma solução eficiente e conclusiva sòmente poderá ser conseguida se os problemas da superprodução e do subconsumo forem atacados conjuntamente e com a mesma energia.

— Seria um êrro, tanto do ponto de vista econômico como político, esperar que o contrôle estatal ou a burocracia ajudassem a melhorar a situação. Ao contrário, os canais normais de distribuição e os mercados tradicionais são os únicos meios eficientes, são o melhor e o mais barato processo para alcançar-se a prosperidade cafeeira.

Como o problema do café tem, em nossos dias, um certo sabor político, seria prudente lembrar que "o exagerado contrôle estatal é a anticâmara do coletivismo".

Atentemos para o que recentemente disse um experiente estadista: — a paz, o progresso e a livre evolução das democracias poderão sòmente ser salvaguardados se o equilíbrio entre a economia privada e estatal fôr mantido.

O MERCADO COMUM EUROPEU E A ÁFRICA

O pensamento da maioria dos membros do Mercado Comum Europeu, com respeito aos "membros associados" africanos, em geral, e ao café, em particular, parece ter atingido um ponto crítico, que está cheio de interessantes aspectos, mesmo para o problema cafeeiro mundial.

A Associação entre o Mercado Comum e os ex-territórios franceses e belgas da África estipulou um impôsto alfandegário de 16% sôbre todo o café não exportado pelos países associados africanos. Tal medida visa, é claro, a proteger êsses países.

O acôrdo expira no fim de 1962 e essa política de proteção é sèriamente increpada pelos membros "liberais": Alemanha, Holanda, Bélgica e, até mesmo, a Itália.

Êsses países temem que esta discriminação possa prejudicar suas tradicionais relações com os países da América Latina e aqui vemos o primeiro efeito da campanha lançada pelos países produtores americanos em favor de uma redução ou supressão de taxas e impostos que incidem, na Europa, sôbre o seu produto, trabalho da ativa diplomacia de Andrés Uribe.

Em outras palavras, o princípio de proteção do café africano por meio de impostos alfandegários choca-se com determinada oposição dos países onde uma sobrevivência do liberalismo ainda existe. Êsses países, quando lançam sua vista além, evidentemente não estão desejosos de adotar os métodos franceses, onde o mercado do café pode ser comparado com o pobre Gulliver, atado pelas cordas da burocracia.

Existem algumas idéias vivas ganhando corpo entre a maioria dos membros do Mercado Comum Europeu no sentido de outras medidas mais investivas e mais eficientes. Êles propõem adotar uma proteção simbólica por meio de uma pequena

taxa sôbre o "café estrangeiro" (em volta de 5%), mas um substâncial apoio seria garantido, por um órgão especial do Mercado Comum, para os territórios africanos, tendo em vista a estabilização, no presente, e mais tarde o aumento das receitas financeiras dêsses países. Em outras palavras, não apoiariam o café, apoiariam a economia geral dos países africanos.

Os peritos do Mercado Comum não ignoram a séria incidência de um declínio de preços para os países produtores de café. O padrão de vida da população, o equilíbrio dos orçamentos devidos a taxas pagas pelo café nos portos de exportação, o sistema político de todos os países onde o café vai além de 30% da renda nacional, dependem do preço pago pelo produto. Mas a grande maioria dos membros do Mercado Europeu acredita que o sistema de "proteção" por taxas e impostos é antiquado e já encoraja uma produção pletórica. Por isso, essa maioria prefere um mais eficiente e agressivo sistema de apôio geral e investimentos às jovens repúblicas, por meio de acôrdo com os tradicionais países de consumo.

Tal idéia pode interessar não sòmente ao Mercado Europeu, mas ao mundo do café em geral.

(Correio da Manhã — R. de Janeiro — 26-2-1961)



IMPORTAÇÃO DE CAFÉ PELA INGLATERRA

Ano de 1960 em confronto com o de 1959

Países	Sacas de 60 kg	% sôbre o Total	Números Absolutos		% + ou — em 1960	
Uganda	292.657	31,8	+	67.171	+	29,8
Brasil	171.402	18,6	+	40.842	+	31,3
Quênia	159.375	17,3	—	63.436	—	28,5
Colômbia	80.274	8,7	+	51.686	+	108,8
Nigéria	42.606	4,6	+	2.253	+	5,6
Ghana	36.767	4,1	+	6.885	+	23,0
Congo	33.765	3,7	—	29.530	—	46,7
Outros	102.446	11,2	—	39.694	—	27,9
TOTAL	919.292	100,0	+	36.177	+	4,1

(Quadro elaborado pela **FÔLHA DE S. PAULO**, com números absolutos do boletim de George Gordon Paton & Co.).

NÚMERO DE CAFEEIROS POR ÁREA

ALCIDES CARVALHO
Eng. agrônomo
(Instituto Agronômico de Campinas)

Ao se formarem as primeiras lavouras de café em São Paulo, os alinhamentos seguidos eram, em geral, em quadrado, com espaçamentos que variavam de 16 a 18 palmos entre plantas, ou sejam, 3,50 x 3,50 ou 4,00 x 4,00 m. Os alinhamentos eram bem feitos, de uma forma geral, e alguns lavradores o executavam até com o máximo capricho. Apesar dos cuidados dispensados aos cafèzais, muitos lavradores, talvez por desconhecimento, deixaram de dar proteção ao solo contra a erosão, o que favoreceu a decadência de numerosas plantações.

No estabelecimento das novas plantações de café em bases modernas o que se iniciou por volta de 1940, o Instituto Agronômico começou a recomendar o plantio do cafèzal com espaçamentos mais fechados nas linhas e maior entre as linhas, em alinhamento em nível, a fim de não sòmente favorecer o combate à erosão, facilitar os tratos culturais, como também aproveitar melhor o terreno, com maior número de plantas por área. Os espaçamentos preconizados nessa modalidade de plantio estão em função da fertilidade do solo, condições de clima e variedade escolhida. Nas regiões onde o cafeeiro cresce mais, como na Araraquarense, os espaçamentos entre as linhas podem ser maiores do que em regiões de clima mais ameno ou nas localidades montanhosas. Como o cafeeiro é planta de luz, há sempre necessidade de favorecer a iluminação para que a produção seja compensadora. Os lavradores sabem que onde o cafèzal fica muito fechado, e, consequêntemente, com iluminação reduzida, as colheitas são bem menores, às vêzes, até insignificantes.

No espaçamento antigo de 3,5 x 3,5 tem-se uma área, por planta, de mais ou menos 12 m 800 plantas por hectare ou 2.000 por alqueire (24.200 m2) e a produção é expressa em arrôbas de café beneficiado por 1.000 pés. Fez-se a avaliação da produtividade também de vários outros modos, como em sacos de café em côco por 1.000 pés.

Nas plantações modernas, já não é mais justificável e aconselhável manter a informação de produtividade por 1.000 pés, pois os espaçamentos sendo variáveis por região, o número de plantas varia bem mais por unidade de área. Assim sendo, e para uniformização, há necessidade de a produtividade ser expressa em quilogramas de café por hectare, desde que de há muito adotamos o sistema métrico.

No quadro, anexo, são dados alguns espaçamentos comumente usados, a área por planta, o número de covas por hectare, o número de mudas por hectare, considerando quatro mudas por cova, e a produ-

ção por hectare, na base antiga de 100 arrôbas de beneficiado por 1.000 pés. Damos os números totais de mudas por área usadas nesses espaçamentos, a fim de serem comparados com os números necessários no plantio em renque, o qual vem sendo usado em algumas propriedades. No plantio em renque, planta-se um cafeeiro por cova de modo que se torna difícil calcular a produção nesse quadro. Há alguns exemplos, no entanto, que indicam ser a produtividade na plantação

Produção por hectare em vários espaçamentos, na base de 100 arrôbas por 1000 pés.

Espaçamentos	Área por cova M²	Covas por ha	Mudas por ha	Produção kg/ha (*)
3.50 x 2,00	7,00	1428	5712	2142
3,50 x 2,20	7,70	1298	5192	1947
3,50 x 2,50	8,75	1143	4572	1715
3,70 x 2,00	7,40	1351	5404	2027
3,70 x 2,20	8,14	1228	4912	1842
3,70 x 2,50	9,25	1081	4324	1622
4,00 x 2,00	8,00	1250	5000	1875
4,00 x 2.20	8,80	1136	4544	1704
4,00 x 2,50	10,00	1000	4000	1500
EM RENQUE				
3,50 x 0,50	1,75	5714	5714	2140
3,70 x 0,50	1,85	5405	5405	2027
4,00 x 0,50	2,00	5000	5000	1875

(*) As produções em quilos por hectare são estimadas, ante a inexistência da experimentação do assunto.

em renque de igual magnitude do plantio normal, se bem que pouco mais elevada nos primeiros anos. A produção, assim expressa em quilogramas por hectare, dá idéia bem mais real da capacidade de produção de cafèzal e deve ser adotada pelos agricultores.

(De **O Estado de S. Paulo** — 8-3-1961)



NORMAS ÚTEIS NO PLANTIO DO CAFÉ

HÉLIO JOSÉ SCARANARI
Eng. agrônomo
(Instituto Agronômico de Campinas)

As práticas agrícolas empregadas na cultura cafeeira não são orientadas de acôrdo com épocas definidas, tal como se observa em grande parte das demais culturas. Enquanto há para estas um período relativamente pequeno para efetuar, por exemplo, o plantio, para o cafeeiro êsse prazo se estende por seis meses, aproximadamente. O combate às pragas e moléstias nas culturas anuais constitui operação que precisa ser feita em épocas certas e em curto prazo de tempo. No cafèzal, sòmente o combate à broca é assim limitado, estendendo-se, entretanto, o prazo, para mais de 30 dias.

Embora se observe essa variação nas épocas de efetuar as práticas agrícolas, na cultura cafeeira se podem indicar as melhores ocasiões para realizá-las. Assim é que, no mês de janeiro, o lavrador deve estar em intensa atividade, pois, nessa época, deve-se intensificar o plantio, caso êle tenha sido programado, combate à broca, se sua presença foi notada, eliminar o mato e aplicar parcelas de adubo.

De maneira geral, diz-se que se faz a plantação do café no período das águas, o qual compreende os meses de novembro a maio. E, realmente, assim tem sido feito. Entretanto, pode-se acrescentar que a plantação deve ser feita o mais sêco possível, garantindo às mudas no campo maior período de calor e chuvas, antes que se inicie o inverno. Durante êsse tempo, elas crescerão e irão adquirir bom desenvolvimento radicular, o qual contribuirá para que vençam o período da sêca e acumulem reservas para as produções iniciais. Ao contrário, plantando-se o cafeeiro no fim das águas, as mudas apresentam maior desenvolvimento no primeiro ano de campo e, conseqüentemente, a primeira produção será reduzida. Êsse fato foi observado na fazenda do Bosque, em Cordeirópolis, durante os três anos de plantação, nos quais os talhões instalados em janeiro produziram mais do que os restantes plantados nos meses seguintes até maio. As diferenças de produção observadas foram também influenciadas pelas épocas de formação das mudas, pois, a semeação foi iniciada em junho e terminada em agôsto. A plantação iniciou-se em janeiro, empregando-se as mudas mais desenvolvidas e provenientes da semeação em junho, para finalizar com as menores, resultantes da sementeira tardia. Vê-se, assim, que, na formação das mudas, o lavrador deve fazer o máximo esforço para iniciá-la também o mais cedo possível, ou seja, logo que haja, semente selecionada disponível.

Estudando-se a produção média dessa fazenda no período de 1957 a 1960, nota-se que a diferença inicial

de produção desapareceu no ano seguinte, mas contribuiu para o reembolso mais rápido do capital despendido na formação da lavoura. As produções obtidas em 1957, primeiro ano de colheita, foram de 930, 735, 495 e 315 quilos de café por hectare, respectivamente nos talhões 1 a 4, plantados na ordem mensal de janeiro a abril.

A abertura e adubação das covas tanto podem ser executadas no início quanto no fim das chuvas. De maneira geral, recomenda-se que estejam prontas com a antecedência suficiente para que recebam uma ou duas chuvas antes da época estabelecida para a plantação. As covas, além de ter boas dimensões, devem ser suficientemente adubadas antes de se efetuar o plantio.

(O Estado de S. Paulo — Supl. Agrícola — 1-2-1961)



NUTRIÇÃO DO CAFEEIRO

O Ministério de Agricultura de de Quênia acaba de contratar um técnico para efetuar pesquisas espectrográficas para esclarecer certos aspectos da nutrição do cafeeiro. Elementos minerais raros poderão ser observados tanto nos tecidos das plantas como no solo. Na Estação Experimental de Ruiru, as pesquisas consistirão em determinar o estado mineral do cafeeiro. Para isso, queimam-se amostras de fôlhas e dissolve-se a cinza em ácido clorídrico. Os elementos minerais raros em solução são precipitados por um processo químico que permite filtrá-los, lavá-los, secá-los e queimá-los, para dar uma mistura de óxido. Êsse pó é depois queimado em um arco voltáico. A luz do arco é dirigida ao espectrógrafo e o espectro que produz é fotografado para dar o espectrograma, a partir do qual é possível determinar as quantidades dos elementos raros que se acham presentes. A falta e o excesso dos elementos minerais essenciais que se encontram em qualquer cafeeiro poderão ser observados por êsse método e as pesquisas darão indicações das necessidades nutritivas do cafeeiro.

O espectrógrafo pode analisar dez a doze elementos de uma só vez e o que estiver em falta poderá ser adicionado conjuntamente com os adubos. De um modo particular, o ferro, o manganês e o zinco são essenciais ao crescimento do cafeeiro e alguns solos não os possuem em quantidade suficiente. Um dos problemas já investigados, por exemplo, consiste na investigação do efeito de introdução de pequenos pregos de zinco no tronco do cafeeiro deficiente dêsse elemento. Verificou-se que o conteúdo de zinco aumentou consideràvelmente nas fôlhas após essa operação.

Elementos raros, que se apresentam na proporção de uma parte em 20 ou 50 milhões, podem ser observados; análises de 9 a 10 amostras de fôlhas para uma dúzia ou mais de elementos podem ser feitos em uma semana por êsse eficiente método espectrográfico.

(Do *Suplemento Agrícola* — S. Paulo — de 1-3-1961)

ATOS OFICIAIS

TOMOU POSSE NA PRESIDÊNCIA DO IBC O DIPLOMATA SÉRGIO ARMANDO FRAZÃO

Realizou-se no dia 24 de fevereiro p. passado, no gabinete do Ministro da Indústria e Comércio, no Rio de Janeiro, a solenidade de posse do novo presidente do Instituto Brasileiro do Café, o sr. Sérgio Armando Frazão, nomeado pelo Presidente da República, por decreto de 20 do mesmo mês. O sr. Sérgio Frazão, diplomata especializado em assuntos econômicos e, particularmente, em assuntos de exportação de café, exerce as funções de Ministro Conselheiro da embaixada brasileira em Washington e é presidente do Convênio Internacional do Café.



INSTITUTO BRASILEIRO DO CAFÉ

RESOLUÇÃO N.º 184

A Diretoria do Instituto Brasileiro do Café, no âmbito das atribuições que lhe são conferidas por lei,

RESOLVE:

Art. 1.º — Fica prorrogado até 31 de março do corrente ano, o prazo para faturamento dos cafés objeto das operações de compra de que tratam as Resoluções n.ºs 167, 168, 169 e 170, tôdas de 7-7-1960, referido em seus arts. 11, 6.º, 7.º e 7.º, respectivamente.

Art. 2.º — Revogam-se as disposições em contrário.

Rio de Janeiro, 28 de fevereiro de 1961.

NEWTON FERREIRA DE PAIVA
Presidente, Interino



O CAFE' VISTO NOS ESTADOS UNIDOS

(CARTAS SEMANAIS DO ESCRITÓRIO PAN-AMERICANO DO CAFÉ — N. YORK)

Da publicação **Coffee Report**, editada por Jacques Louis-Delamare, em Le Havre, França, transcrevemos dois itens, "O Café na Rússia" e "O Café na África", que se encontram no número de setembro/outubro:

O CAFÉ NA RÚSSIA

Um importador de café, que acaba de viajar pela terceira vez pela Rússia, forneceu as seguintes informações sôbre o consumo do café naquele país:

O café torrado acha-se, agora, à venda em muitos armazéns de alimentos, oferecido em pequenos pacotes de 100 gramas. Os pacotes, com aparência agradável, têm etiquetas de identificação da procedência do produto, "Brasil", "Colômbia", "Cuba" etc., mas não têm nomes de torradores ou marcas de café, sendo o Ministério da Produção do Estado o único torrador e o único distribuidor para todo o país, e o Estado provàvelmente faz um bom lucro com a diferença entre o preço da importação e o preço do consumo do café. O preço médio é de 45 rublos o quilo*, mas é difícil dar um valor internacional ao rublo, devido aos diversos fatôres que entram na estimativa do câmbio da moeda russa. O meio mais aconselhável é o da avaliação do preço do café com relação à capacidade aquisitiva média do consumidor russo. Deve-se, entretanto, ter em conta que o salário do trabalhador russo é apenas uma parte da sua receita, desde que muitas despesas, que em outros países os trabalhadores têm que pagar de sua bôlsa, correm na Rússia por conta do Estado, como a educação das crianças, os seguros de vida, os feriados, e outros benefícios semelhantes. O salário mais baixo na Rússia é de 450 rublos por mês. Um amanunese num hotel ganha 600 rublos, um polícia 900 rublos, um trabalhador especializado de metalurgia ou de construção. Tomando como base êsses dados, podemos considerar o salário médio na Rússia de 900 rublos mensais, isto é, 4 rublos e 1/2 por hora de trabalho. Assim, nessa base, o trabalhador russo tem que trabalhar 10 horas para comprar um quilo de café, ao passo que o americano trabalha 39 minutos, o inglês 3 horas e o francês 4 horas, o alemão 6 horas e 45 minutos, e o italiano 8 horas, para o mesmo fim.

Na região meridional, do Mar Negro ao Mar Caspio, a população prefere o café, como seus vizinhos da Turquia, ao passo que na região setentrional e na região oriental do país o chá quente, servido no Samovar, é visto em tôdas as mesas e provàvelmente será sempre a bebida nacional.

O desenvolvimento do consumo do café na Rússia depende em primeiro lugar do apôio ou da indiferença dos funcionários oficiais: nada pode ser feito na Rússia sem a poderosa influência do Estado.

A "Pausa para o Café", que comprovou sua eficiência como elemento favorável ao trabalho nos países do Ocidente, talvez se torne no futuro um elemento também atraente para certas organizações industriais russas. O café solúvel, pelo menos deve ser oferecido aos consumidores nos lares, porque é mais fácil para um neófito preparar seu café com uma colher de pó no fundo

de uma xícara e a adição de água fervendo, do que se iniciar na tarefa de preparar um bom café por métodos clássicos mais complicados. Nos restaurantes e nos clubes, o café expresso italiano está fazendo rápidos progressos.

Resumindo, durante o ano de 1959, o consumo per capita do café na Rússia foi de 50 gramas — e muita água tem ainda que passar sob as pontes do Rio Volga até que o consumo do café per capita na Rússia se iguale o da Suécia, que é de 8 quilos.

Entretanto, tudo acontece com grande rapidez na União Soviética!

*Ao câmbio oficial, de 4 rublos o US dólar, o preço equivalente é de $6,08 a libra; ao câmbio para turistas, de 10 rublos o US dólar, o preço é equivalente é de $2,43 a libra.

O CAFÉ NA ÁFRICA

São inúmeras as razões pelas quais os cafés Robustas declinaram durante o ano passado: super-produção, excedentes, dificuldades econômicas, evolução política etc. O total dos excedentes na África, no fim do ano agrícola corrente, será provàvelmente de 1.000.000 de sacas, aproximadamente. A baixa dos preços dos cafés africanos não ocorreu em consequência da pressão estatística, mas da desordenada competição entre os cafés Robustas e os cafés Arábica e também entre os próprios produtores africanos. Essa competição descontrolada, se continuasse, teria sido desastrosa para o equilíbrio econômico e político da África.

O problema do café na África é complexo. A qualidade do café varia, do melhor ao pior, os custos diferem em cada área de produção, com orientação econômica também variada. Por exemplo, na África Oriental Britânica prevalece uma tendência liberal, ao passo que na Costa do Marfim o contrôle estatal está fazendo progressos. Todos êsses fatôres tornam urgente e importante a criação de um Bureau Pan-Africano do Café, dependendo a solução do problema do café africano de três princípios: cooperação, qualidade e quantidade. O progresso do consumo dos cafés Robustas nos mercados mundiais seguirá a tendência geral, vagarosa mas firme. Seria um grande êrro encorajar os africanos no sentido de aumentarem suas plantações, seja por meio de preços mais altos, seja pelo fornecimento gratuíto de plantas. O problema do café no mundo, e de modo peculiar na África, não é só econômico e político, mas também humano. A vida, a saúde e a felicidade dependem, para milhões de pessoas, do destino do café. Os consumidores e os cidadãos que pagam impostos na França devem ter tal ponto de vista em mente, exatamente oposto ao do colonialismo, quando pagam mais de $50.000.000 por ano para manter o preço do café procedente da Zona do Franco nos níveis atuais. De fato, o importador francês paga 32 cents a libra pelo mesmo café que é vendido a 18,50 cents nos Estados Unidos.

O "carryover" da Costa do Marfim, em 1.º de Outubro, deve ter sido de 704.000 sacas, ao passo que um ano antes foi de 797.000 sacas. A safra de 1959/60 é de 2.166.500 sacas, e as exportações feitas na temporada de Outubro de 1959 a Setembro de 1960 foram de 2.260.000 sacas. Dêsse total, estima-se em 325.260.000 a quantidade de sacas já vendidas para embarque durante os próximos meses, e 75.000 sacas são de café considerado indequado para a exportação. A safra de café de 1960/61 da Costa do Marfim é estimada em 2.650.000 sacas. A República de Malagasy não terá dificuldade

em vender a sua produção — uma safra de 800.000 sacas, das quais já 250.000 sacas foram vendidas até o momento.

CAFÉ ROBUSTA DE UGANDA

Segundo informa o **London Financial Times**, o total anunciado pela Junta de Comercialização de Café da Uganda para vendas durante o primeiro trimestre do ano corrente, 45.000 sacas, constitui menos de 1/8 da quantidade que Uganda embarcaria normalmente em três meses.

A Junta talvez adie o embarque do grosso dos seus cafés, para se aproveitar da situação atual de ansiedade, não querendo também comprometer-se até que disponha de mais informações a respeito da safra dos Robustos. Parece evidente que a safra Masaka, que devia agora entrar no mercado, foi retida por três meses e deverá estar pronta ao mesmo tempo que as outras safras principais de Robustas, no comêço do ano que vem. Desde que a Junta ainda tem compromissos assumidos com relação às suas vendas de julho, provàvelmente não deseja entrar no mercado aberto mais do que é necessário.

Assim, parecem boas as perspectivas dos cafés Robustas de Uganda, nos próximos meses. As necessidades que surgirem durante êsse período deverão ser satisfeitas com os estoques dos comerciantes, os quais consistem, em grande parte, como se julga, nos sobrantes das vendas da Junta no verão, sobrantes que têm circulado pelos mercados principais já há algum tempo.

CAFÉ EM HAWAII

A Junta de Desenvolvimento Econômico de Hawai, cooperando com a indústria do café, está levando a efeito programas de pesquisa e de promoção com o fim de melhorar a posição de Hawaii na indústria do café, segundo notícias procedentes de Honolulu publicadas no Journal of Commerce. Com o mesmo fim em vista, foi organizada recentemente uma corporação, a Hawaii Coffee Industry Ltd., com o capital de $60.000, e o Govêrno do Estado vai dar sua ajuda no financiamento do programa. Os problemas principais a serem considerados nesse movimento a favor da indústria do café em Hawaii são a qualidade do café Kona, que está cada vez pior, o declínio no preço do mercado mundial e a diminuição da procura nos Estados Unidos dos cafés de tipo que dão bonificação. O duplo esfôrço terá como fim auxiliar a indústria do café de Hawaii, no sentido de melhorar a qualidade do produto e a sua comercialização no mercado da Alemanha, como mercadoria "exótica". Segundo uma investigação recente, as altas tarifas existentes na Alemanha e a preferência dos consumidores alemães pelos cafés de alta quanlidade facilitam a colocação de bons cafés, que dão bonificações, naquele mercado europeu. O Sr. George Mason, Diretor da Junta de Desenvolvimento Econômico de Hawaii, anunciou à indústria de café, segundo consta, que, logo que os representantes da indústria apresentarem propostas concretas e mùtuamente satisfatórias para a realização do programa de pesquisas e promoção, o Estado tornaria disponíveis os fundos necessários a êsse esfôrço de fortalecimento da indústria do café em Hawaii. (Carta Semanal n.º 1.216 — 28-10-960.)



Estatísticas

SUPLEMENTO ESTATÍSTICO

ANO XXVI | São Paulo, 22 de fevereiro de 1961 | N.º 422

SAFRA 1960/1961

CAFÉ PAULISTA DESPACHADO PARA SANTOS

Estradas de Ferro	Jul./Dez.	1.ª dezena Janeiro	2ª dezena Janeiro	3.ª dezena Janeiro	Total
Santos Jundiaí	60 316	—	472	1 341	62 129
Sorocabana	958 020	7 274	8 630	8 967	982 891
Paulista	1 640 776	6 223	8 338	4 984	1 660 321
Mojiana	148 943	2 633	3 816	5 442	160 834
Araraquara	371 266	1 343	945	441	373 995
Bragantina	24 731	1 127	1 808	1 546	29 212
Noroeste do Brasil	631 559	315	988	162	633 024
São Paulo e Minas	9 110	—	—	—	9 110
Central do Brasil	1 589	—	—	—	1 589
Estrada de Rodagem	975 474	13 783	17 684	11 670	1 018 611
Total	**4 821 784**	**32 698**	**42 681**	**34 553**	**4 931 716**

CAFÉ PAULISTA DESPACHADO PARA O RIO DE JANEIRO

Quotas	Jul./Dez.	1.ª dezena Janeiro	2.ª dezena Janeiro	3.ª dezena Janeiro	Total
FERROVIÁRIO					
Despolpado	—	299	66	—	365
Comum	12 817	—	—	—	12 817
Cons. Int. S. S.	349	—	—	—	349
Exp. S. S.	175	—	—	—	175
Preferencial	88 665	1 913	2 253	1 883	94 714
C. Int. Pref. S. S.	5 038	—	—	—	5 038
Exp. Pref. S. S.	2 458	—	—	—	2 458
RODOVIÁRIO					
Cooperativa	1 635	794	—	—	2 429
Comum	131 727	1 985	2 742	3 435	139 889
Cons. Int. S. S.	4 808	—	—	—	4 808
Exp. S. S.	2 408	—	—	—	2 408
Preferencial	2 168	75	2 043	—	4 286
Total	**252 248**	**5 066**	**7 104**	**5 318**	**269 736**

CAFÉ PAULISTA DESPACHADO PARA ANGRA DOS REIS

Quotas	Jul./Dez.	1.ª dezena Janeiro	2.ª dezena Janeiro	3.ª dezena Janeiro	Total
FERROVIÁRIO					
Comum	5 328	—	—	—	5 328
RODOVIÁRIO					
Cooperativa	6 000	—	300	640	9 640
Despolpado	505	—	—	—	505
Comum	386 595	4 490	3 571	5 846	400 502
Cons. Int. S. S.	10 440	—	—	—	10 440
Expurgo S. S.	5 209	—	—	—	5 209
Preferencial	5 119	1 337	6 500	—	12 956
Total	**419 196**	**5 827**	**13 071**	**6 486**	**444 580**

CAFÉ PAULISTA DESPACHADO PARA NITERÓI

Quotas	Jul./Dez.	1.ª dezena Janeiro	2.ª dezena Janeiro	3.ª dezena Janeiro	Total
RODOVIÁRIO					
Comum	139 074	836	665	969	141 544
Cons. Int. S. S.	3 210	—	—	—	3 210
Expurgo S. S.	1 606	—	—	—	1 606
Total	**143 890**	**836**	**665**	**969**	**146 360**

CAFÉ PAULISTA DAS SÉRIES CONS. INT. E EXP. DESPACHADO PARA OS REGULADORES

Quotas	Jul./Dez.	1.ª dezena Janeiro	2.ª dezena Janeiro	3.ª dezena Janeiro	Total
Consumo Interno	1 366 466	11 008	10 862	9 784	1 398 120
Expurgo	695 066	5 366	6 674	3 729	710 835
Total	**2 061 532**	**16 374**	**17 536**	**13 513**	**2 108 955**

TOTAL DOS DESPACHOS DE CAFÉ PAULISTA POR QUOTAS

Quotas	Jul./Dez.	1.ª dezena Janeiro	2.ª dezena Janeiro	3.ª dezena Janeiro	Total
Despolpado	144 787	1 196	1 637	567	148 187
Cooperativa	87 113	6 518	12 345	8 006	113 982
Preferencial	1 667 193	14 060	18 683	6 911	1 706 847
C. Int. Pref. S. S.	14 767	—	—	—	14 767
Exp. Pref. S. S.	7 240	—	—	—	7 240
Comum	3 647 815	22 653	30 856	31 842	3 733 166
Cons. Int. S. S.	45 451	—	—	—	45 451
Exp. S. S.	22 752	—	—	—	22 752
Consumo Interno	1 366 466	11 008	10 862	9 784	1 398 120
Expurgo	695 066	5 366	6 674	3 729	710 835
Total	**7 698 650**	**60 800**	**81 057**	**60 839**	**7 901 347**

CAFÉ DE OUTROS ESTADOS DESPACHADO PARA SANTOS

"PARANAENSE"

Quotas	Jul./Dez.	1.ª dezena Janeiro	2.ª dezena Janeiro	3.ª dezena Janeiro	Total
FERROVIÁRIO					
Despolpado	195	—	—	—	195
Cooperativa	13 397	—	—	—	13 397
Comum	1 659 331	20 188	36 454	25 455	1 741 428
Cons. Int. S. S.	2 737	—	—	—	2 737
Exp. S. S.	1 366	—	—	—	1 366
Preferencial	25 532	—	—	—	25 532
C. Int. Pref. S. S.	213	—	—	—	213
Exp. Pref. S. S.	106	—	—	—	106
RODOVIÁRIO					
Despolpado	14 421	—	—	186	14 607
Cooperativa	5 874	—	—		5 874
Comum	3 989	—	—	—	3 989
Cons. Int. S. S.	154	—	—	—	154
Exp. S. S.	77	—	—	—	77
Preferencial	67 473	110	—	—	67 583
C. Int. Pref. S. S.	4 724	—	—	—	4 724
Exp. Pref. S. S.	2 362	—	—	—	2 362
Total	**1 801 951**	**20 298**	**36 454**	**25 641**	**1 884 344**

"MINEIRO"

Quotas	Jul./Dez.	1.ª dezena Janeiro	2.ª dezena Janeiro	3.ª dezena Janeiro	Total
FERROVIÁRIO					
Despolpado	4 178	—	—	—	4 178
Comum	15 026	—	—	1026	16 052
Cons. Int. S. S.	60	—	—	—	60
Expurgo S. S.	30	—	—	—	30
Preferencial	68 386	—	—	—	68 386
C. Int. Pref. S. S.	1 027	—	—	—	1 027
Exp. Pref. S. S.	514	—	—	—	514
RODOVIÁRIO					
Despolpado	79 696	596	716	458	81 466
Cooperativa	835	165	100	—	1 100
Comum	279	—	—	—	279
Cons. Int. S. S.	79	—	—	—	79
Expurgo	40	—	—	—	40
Preferencial	167 562	3 820	4 224	2 484	178 090
C. Int. Pref. S. S.	2 432	—	—	—	2 432
Exp. Pref. S. S.	1 340	—	—	—	1 340
Total	***341 484**	***4 581**	***5 040**	***3 968**	**355 073**

(*) Incompleto.

"GOIANO"

Quotas	Jul./Dez.	1.ª dezena Janeiro	2.ª dezena Janeiro	3.ª dezena Janeiro	Total
FERROVIÁRIO					
Comum	27 215	—	—	—	27 215
Cons. Int. S. S.	599	—	—	—	599
Expurgo S. S.	301	—	—	—	301
Preferencial	600	—	—	—	600
RODOVIÁRIO					
Despolpado	120	—	—	—	120
Preferencial	744	—	—	—	744
C. Int. Pref. S. S.	72	—	—	—	72
Exp. Pref. S. S.	36	—	—	—	36
Total	**29 687**	*—	*—	*—	**29 687**

(*) Incompleto.

"MATOGROSSENSE"

Quotas	Jul./Dez.	1.ª dezena Janeiro	2.ª dezena Janeiro	3.ª dezena Janeiro	Total
FERROVIÁRIO					
Comum	50 592	—	—	—	50 592
Preferencial	441	—	—	—	441
RODOVIÁRIO					
Preferencial	140	—	—	—	140
Despolpado	504	—	—	—	504
Total	51 677	—	—	—	51 677

CAFÉ FLUMINENSE — Rodoviário — 2.ª de Outubro — 60 — 25 scs. Despolpado

CAFÉ DAS QUOTAS C. INTERNO E EXPURGO DE OUTROS ESTADOS DESPACHADO PARA OS REGULADORES DÊSTE ESTADO

Quotas	Jul./Dez.	1.ª dezena Janeiro	2.ª dezena Janeiro	3.ª dezena Janeiro	Total
PARANÁ					
Consumo Interno	190 616	—	264	—	190 880
Expurgo	57 430	—	63	—	57 493
MINAS GERAIS					
Consumo Interno	2 335	—	—	30	2 365
Expurgo	214	—	—	15	229
GOIÁS					
Consumo Interno	55	—	—	—	55
MATO GROSSO					
Consumo Interno	24 252	—	—	—	24 252
Expurgo	20 186	—	—	—	20 186
Total	295 088	—	327	45	295 460

MOVIMENTO DO CAFÉ DESTINADO A SANTOS

"DESPOLPADO"

SAFRA 1960/1961 (Até 31 de Janeiro de 1961)

Dezenas	Despachado	Liberado	A Liberar
Julho 60 a 3.ª de Outubro 60	8 243	8 243	—
1.ª Novembro	203	203	—
2.ª ,,	127	127	—
3.ª ,,	122	109	13
1. Dezembro	105	105	—
2.ª ,,	43	43	—
3.ª ,,	—	—	—
1.ª Janeiro 61	—	—	—
2.ª ,,	60	60	—
3.ª ,,	30	—	30
Rodoviário	138 384	123 143	15 241
Total	**147 317**	**132 033**	**15 284**

"PREFERENCIAL"

CONS. INT. PREF. S. S. — EXP. PREF. S. S.

Dezenas	Preferencial	Cons. Int. Pref. S.S.	Expurgo Pref. S.S.	Total	Liberado	A Liberar
1.ª Julho 60	882	—	—	882	882	—
2.ª ,,	71 013	730	365	72 108	72 108	—
3.ª ,,	102 518	1 082	541	104 141	104 141	—
1.ª Agôsto	85 809	169	84	86 062	86 062	—
2.ª ,,	79 362	368	184	79 914	79 914	—
3.ª ,,	110 525	1 313	657	112 495	112 495	—
1.ª Setembro	84 192	748	374	85 314	84 796	518
2.ª ,,	69 894	440	220	70 554	70 554	—
3.ª ,,	74 785	—	—	74 785	74 637	148
1.ª Outubro	38 970	—	—	38 970	38 690	280
2.ª ,,	33 054	—	—	33 054	33 054	—
3.ª ,,	25 905	—	—	25 905	25 207	698
1.ª Novembro	13 148	—	—	13 148	13 017	131
2.ª ,,	9 209	—	—	9 209	8 818	391
3.ª ,,	9 876	—	—	9 876	9 876	—
1.ª Dezembro	4 765	—	—	4 765	3 479	1 286
2.ª ,,	4 139	—	—	4 139	3 467	672
3.ª ,,	4 187	—	—	4 187	1 862	2 325
1.ª Janeiro 61	3 573	—	—	3 573	56	3 517
2.ª ,,	1 059	—	—	1 059	—	1 059
3.ª ,,	1 261	—	—	1 261	—	1 261
Rodoviário	766 765	4 879	2 357	774 001	613 024	160 977
Total	**1 594 891**	**9 729**	**4 782**	**1 609 402**	**1 436 139**	**173 263**

"COOPERATIVA"

Quotas	Despachado	Liberado	A Liberar
Cooperativa — Ferroviário	777	777	—
Cooperativa — Rodoviário	101 136	66 474	34 662

"COMUM"

C. INTERNO S. S. — EXPURGO S. S.

Dezenas	Comum	Cons. Int. S.S.	Expurgo S.S.	Total	Liberado	A Liberar
1.ª Julho 60	23 109	1 482	741	25 332	25 332	—
2.ª "	175 382	4 989	2 495	182 866	182 866	—
3.ª "	185 358	3 780	1 890	191 028	191 028	—
1.ª Agôsto	162 611	3 310	1 655	167 576	166 902	674
2.ª "	166 644	3 706	1 853	172 203	—	172 203
3.ª "	196 222	4 649	2 355	203 226	—	203 226
1.ª Setembro	144 721	2 804	1 402	148 927	—	148 927
2.ª "	293 092	1 870	936	295 898	—	295 898
3.ª "	404 762	—	—	404 762	—	404 762
1.ª Outubro	277 610	—	—	277 610	—	277 610
2.ª "	304 266	—	—	304 266	—	304 266
3.ª "	211 945	—	—	211 945	—	211 945
1.ª Novembro	108 527	—	—	108 527	—	108 527
2.ª "	89 156	—	—	89 156	—	89 156
3.ª "	88 853	—	—	88 853	—	88 853
1.ª Dezembro	50 782	—	—	50 782	—	50 782
2.ª "	43 567	—	—	43 567	—	43 567
3.ª "	40 658	—	—	40 658	—	40 658
1.ª Janeiro 61	15 342	—	—	15 342	—	15 342
2.ª "	23 878	—	—	23 878	—	23 878
3.ª "	21 592	—	—	21 592	—	21 592
Rodoviário	5 009	54	27	5 090	5 090	—
Total	3 033 086	26 644	13 354	3 073 084	571 218	2 501 866

"OUTROS ESTADOS"

PRODUTORES	Despachado	Liberado	A Liberar
PARANÁ			
Comum — C. I. S. S. — E. S. S.	1 745 531	48 082	1 697 449
Comum — C. I. S. S. — E. S. S. Rodoviário	4 220	1 370	2 850
Pref. — C. I. Pref. S. S. — E. Pref. S. S..	25 851	25 851	—
Pref. — C. I. Pref. S. S. — Rodoviário. ...	74 669	67 453	7 216
Cooperativa	13 397	7 700	5 697
Cooperativa Rodoviário..................	5 874	4 352	1 522
Despolpado	195	195	—
Despolpado Rodoviário	14 607	13 569	1 038
MINAS GERAIS			
Comum — C. I. S. S. — E. S. S	16 142	336	15 806
Comum — C. I. S. S. — E. S.S. — Rod..	398	398	—
Pref. — C. I. Pref. S. S. — E. Pref. S. S..	69 927	69 207	720
Pref. — C. I. Pref. S. S. — Rodoviário ...	181 862	118 903	62 959
Cooperativa — Rodoviário................	1 100	695	405
Despolpado	4 178	4 178	—
Despolpado — Rodoviário	81 466	67 434	14 032
GOIÁS			
Comum — C. I. S. S. — E. S. S.	28 115	3 150	24 965
Preferencial............................	600	231	369
Pref. — C. I. Pref. S.S. — E. Pref. S.S. — Rod.	852	454	398
Despolpado — Rodoviário	120	60	60
MATO GROSSO			
Comum	50 592	8 953	41 639
Preferencial............................	441	441	—
Preferencial — Rodoviário	140	140	—
Despolpado — Rodoviário	504	504	—
RIO DE JANEIRO			
Despolpado	25	25	—
Total	**2 320 806**	**443 681**	**1 877 125**



EXPORTAÇÕES DE CAFÉ REALIZADAS POR ANGOLA, DE JANEIRO A JUNHO DE 1960 — As exportações de café realizadas por Angola, acusando um decréscimo da ordem de 2,5% relativamente a igual período de 1959, conforme revelam os dados divulgados pela George Gordon Paton & Co. Os principais compradores foram os seguintes: os Estados Unidos, com 369.150 sacas (55,2% do total e menos 2,1% do que janeiro a junho de 1959); Holanda, com 152.500 sacas (22% do total e menos 12,2% do que no primeiro semestre de 1959); e Portugal, com 106.083 sacas (15,3% do total e mais 17% do que janeiro a junho de 1959).

MOVIMENTO DO CAFE DESTINADO A SANTOS

"DESPOLPADO"

SAFRA 1959/1960 (até Janeiro de 1961)

Dezenas	Despachado	Liberado	A Liberar
1.ª Julho - 59 a 3.ª Junho - 60	39 023	39 023	—
Rodoviário	152 306	151 766	540
Total	191 329	190 789	540

PREFERENCIAL

CONS. INT. PREF. S. S. — EXP. PREF. S. S.

Dezenas	Pref. C. I. Pref. SS. Exp. Pref. SS.	Transf. do Com.	Quotas C. Int. P. SS. e Ep. SS. convert. em defi.	Comprado p/I.B.C.	Liberado	A Liberar
Mês Julho 59 .	822 288	—	—	—	822 288	—
1.ª Agôsto	216 453	—	—	—	216 453	—
2.ª "	220 392	10 943	—	—	220 392	10 943
3.ª "	242 428	14 650	—	204	245 450	11 424
1.ª Setembro...	178 550	8 096	1 572	—	181 026	4 048
2.ª " ...	195 257	15 586	—	—	198 695	12 148
3.ª " ...	255 528	9 842	96	—	257 346	7 928
1.ª Outubro....	164 207	12 252	—	—	166 579	9 880
2.ª "	122 973	5 073	572	—	123 571	3 903
3.ª "	117 617	6 406	90	1 218	116 097	6 618
1.ª Novembro..	45 350	3 806	—	1 532	39 969	7 655
2.ª " ..	59 657	5 764	924	1 138	53 806	9 553
3.ª " ..	37 820	1 974	—	1 048	34 739	4 007
1.ª Dezembro ..	31 226	642	—	2 271	28 102	1 495
2.ª " ..	23 690	886	—	460	22 189	1 927
3.ª " ..	27 903	634	96	1 466	23 011	3 964
1.ª Janeiro 60..	7 725	—	173	—	6 639	913
2.ª "	12 399	—	—	525	10 340	1 534
3.ª "	9 113	1 862	78	250	9 169	1 478
1.ª Fevereiro ..	9 048	—	96	504	8 381	67
2.ª " ..	6 094	756	—	116	5 834	900
3.ª " ..	2 320	394	—	156	2 254	304
1.ª Março.....	1 128	—	—	348	180	600
2.ª "	640	—	—	—	509	131
3.ª "	1 592	—	—	258	1 274	60
1.ª Abril.......	276	—	—	—	276	—
2.ª "	1 168	—	—	168	1 000	—
3.ª "	2 097	200	—	138	1 420	739
Rodoviário.....	704 129	—	—	—	692 197	11 932
Total ...	3 519 068	99 766	3 697	11 800	3 489 186	114 151

NOTA: Do total de café liberado constam 19.301 sacas compradas pelo I.B.C.

"COMUM"

CONS. INT. S. S. — EXP. S. S.

Dezenas	Comum Cons. Int. SS.	Transf. p/Pref.	Quotas C. Int. SS. e E. SS. convert. em defi.	Comprado p/I.B.C.	Liberado	A Liberar
1.ª Julho 59 ...	462 166	—	—	—	462 166	—
2.ª ,, ...	382 099	—	—	—	382 099	—
3.ª ,, ...	540 426	—	—	—	539 426	1 000
1.ª Agôsto	468 976	—	—	—	467 626	1 350
2.ª ,, ...	458 683	10 943	39 234	16 048	256 086	136 372
3.ª ,, ...	500 466	14 650	62 744	38 455	136 118	248 499
1.ª Setembro...	269 081	8 096	19 390	39 131	86 102	116 362
2.ª ,, ...	211 529	15 586	10 831	40 091	49 953	95 068
3.ª ,, ...	218 171	9 842	15 421	41 674	53 965	97 269
1.ª Outubro....	149 657	12 252	7 987	39 870	20 649	68 899
2.ª ,, ...	146 103	5 073	23 919	22 462	12 462	82 187
3.ª ,, ...	187 359	6 406	30 349	33 014	16 609	100 981
1.ª Novembro..	74 669	3 806	12 294	16 122	3 959	38 488
2.ª ,, ..	67 492	5 764	8 521	17 740	6 716	28 751
3.ª ,, ..	42 066	1 974	5 217	12 534	6 447	15 894
1.ª Dezembro ..	32 006	642	4 199	8 061	3 769	15 335
2.ª ,, .	20 030	886	2 805	7 256	413	8 670
3.ª ,, ..	15 614	634	1 515	6 333	1 023	6 109
1.ª Janeiro 60..	4 196	—	160	3 079	329	628
2.ª ,, ...	10 762	—	168	6 833	1 807	1 954
3.ª ,, ...	15 132	1 862	752	4 846	4 446	3 226
1.ª Fevereiro ..	8 762	—	—	4 207	1 440	3 115
2.ª ,, ..	3 986	756	—	849	295	2 086
3.ª ,, ..	2 882	394	—	1 514	297	677
1.ª Março	1 922	—	—	560	529	833
2.ª ,, ...	2 070	—	—	1 650	—	420
3.ª ,, ...	596	—	—	215	120	261
1.ª Abril.......	192	—	—	156	—	36
2.ª ,, ...	—	—	—	—	—	—
3.ª ,, ...	3 887	200	—	—	84	3 603
Rodoviário.....	765 309	—	—	—	758 552	6 757
Total ...	5 066 289	99 766	245 506	362 700	3 273 487	1 084 830

Elimine as falhas de seu cafèzal. De nada vale possuir centenas de alqueires plantados, se em cada alqueire há numerosas falhas.

Cada falha constitui um **deficit**.

Cada falha é um roubo.

"OUTROS ESTADOS"

PRODUTORES	Despa-chado	Transf. do Com. p/Pref.	Compr. p/I.B.C.	Liberado	A liberar
PARANÁ					
Comum — C. Int. SS. — Exp. SS.	234 409	— 17 910	36 757	87 613	92 129
Comum — C. Int. SS. — Exp. SS. Rodoviário	96 906	—	—	95 120	1 786
Pref. — C. I. Pref. SS — E. Pref. SS	126 492	+17 910	330	139 648	4 424
Pref. — C. I. Pref. SS — E. Pref. Rodoviário	118 318	—	—	117 951	367
Despolpado	3 819	—	—	3 819	—
Despolpado Rodoviário	21 806	—	—	19 376	2 430
MINAS GERAIS					
Comum — C. Int. SS. — Exp. SS.	23 628	— 250	90	7 839	15 449
Comum — C. Int. SS. — Exp. SS. Rodoviário	43 721	—	—	41 629	2 092
Pref. — C. I. Pref. SS — E. Pref. SS	226 307	+ 250	600	211 070	14 887
Pref. — C. I. Pref. SS — E. Pref. Rodoviário	101 271	—	—	101 271	—
Despolpado	14 782	—	—	14 782	—
Despolpado Rodoviário	73 360	—	—	73 238	122
GOIÁS					
Comum — C. Int. SS. — Exp. SS	182 457	—	33 251	131 123	18 083
Comum — C. Int. SS — Exp. SS Rodoviário	41 440	—	—	41440	—
Pref. — C. I. Pref. SS — E. Pref. SS	84 340	—	2 800	81 080	460
Pref. — C. I. Pref. SS — E. Pref. Rodoviário	23 097	—	—	22 881	216
Despolpado — Rodoviário	98	—	—	98	—
MATO GROSSO					
Comum	26 083	—	7 794	15 217	3 072
Preferencial	524	—	—	524	—
Pref. — CI. Pref. SS — E. Pref. SS. Rodoviário	200	—	—	120	80
Despolpado P Rodoviário	843	—	—	843	—
ESTADO DO RIO DE JANEIRO					
Pref. — CI. Pref. SS — E. Pref. SS. Rodoviário	30	—	—	30	—
Despolpado — Rodoviário	173	—	—	173	—
ESPÍRITO SANTO					
Despolpado — Rodoviário	255	—	—	255	—
Total	1 444 359	—	81 622	1 207 140	155 597

NOTA: — Do total dos cafés Paranaense e Goiano liberados, constam, respectivamente, 1.110 e 1.000 sacas compradas pelo I.B.C.

Posição estatística do café no Brasil, em 30 de Setembro de 1960

SAFRAS 1956/57 A 1960/61

Unidade: mil sacas de 60 quilos

ESPECIFICAÇÃO	SAFRAS				
	1956/57	1957/58	1958/59	1959/60	1960/61
I — SALDO VERIFICADO EM 30/6:					
1) a liberar	2 874	60	3 573	3 102	6 887
2) estoque disponível nos portos	3 856	3 613	7 217	3 438	8 768
Total	**6 730**	**3 673**	**10 790**	**6 540**	**15 655**
II — CAFÉ REGISTRADO: (Julho a Setembro)					
1) café de safras anteriores	39	15	357	21	42
2) café de safra em curso	5 425	7 128	6 325	20 759	9 292
3) café revertido aos mercados	—	26	98	909	1 488
Total	**5 464**	**7 169**	**6 780**	**21 689**	**10 822**
Total I e II	**12 194**	**10 842**	**17 570**	**28 229**	**26 477**
III — CONSUMO: (Julho a Setembro):					
1) exportação para o exterior	4 073	3 428	3 082	5 765	5 041
2) comércio e cabotagem	63	100	165	166	392
3) consumo no inter. e industr.	7	41	5	54	138
4) café retirado dos mercados	—	3	2 549	167	276
5) consumo nos portos	116	124	110	179	149
Total	**4 259**	**3 696**	**5 911**	**6 331**	**5 996**
IV — EXISTÊNCIA GLOBAL: (Jul/Set). (I e II — III)	7 935	7 146	11 659	21 898	20 481
V — CAFÉS DE SÉRIES EXCEDENTES: (Julho a Setembro)					
1) Série de Consumo Interno(*)	—	—	1 863	6 247	1 813
2) Série de Expurgo	—	—	631	2 065	912
Total	—	—	2 494	8 312	2 725
VI — EXISTÊNCIA COMERCIÁVEL EM 30/9: (**) (IV-V)	7 935	7 146	9 165	13 586	17 756

NOTA: (*) Inclusive parte do consumo interno (III — 2,3).
(**) Inclui o café existente nos portos, Armazéns Reguladores e em trânsito. As cifras referentes a safra 1960/61 estão sujeitas a retificação.

FONTE: I.B.C.

Exportação Brasileira de Café em Fevereiro de 1961

Unidade: saca de 60 quilos

PORTOS DE EXPORTAÇÃO	QUANTIDADE EXPORTADA					Total Geral
	Exterior			Consumo de bordo	Cabotagem	
	Estados Unidos	Outros Países	Total			
Santos	315 835	225 310	541 145	323	—	541 468
Rio de Janeiro	155 521	97 407	252 928	18	30 000	282 946
Paranaguá	171 282	18 048	189 330	6	45 800	235 136
Vitória	15 540	77 618	93 158	15	65 000	158 173
Angra dos Reis	65 957	10 245	76 202	—	—	76 202
Salvador	2 670	3 696	6 366	—	—	6 366
Recife	—	6 860	6 860	—	—	6 860
Niterói	24 066	18 997	43 063	—	—	43 063
Florianópolis	—	700	700	—	—	700
Total	750 871	458 881	1 209 752	362	140 800	1 350 914

CAFÉ DISPONÍVEL NOS PORTOS DE EXPORTAÇÃO EM 28 DE FEVEREIRO DE 1961

Unidade: saca de 60 quilos

PORTOS DE EXPORTAÇÃO	QUANTIDADE
Santos	3 992 792
Rio de Janeiro	1 386 641
Paranaguá	1 683 497
Vitória	324 132
Angra dos Reis	11 350
Salvador	30 762
Recife	4 490
Niterói	96
Total	7 433 760

OBS.: Cifras sujeitas a retificação.
Fonte: I. B. C.

EXPORTAÇÃO DE CAFÉ PELO PÔRTO DE SANTOS

ANO DE 1960

SEGUNDO OS PAÍSES DE DESTINO

DESTINO	DEZEMBRO			JANEIRO DEZEMBRO		
	Quantidade (saca 60 Kg)	Equivalência (em US$)	Valor (cruzeiros)	Quantidade (saca 60 kg)	Equivalência (em US$)	Valor (cruzeiros)
SANTOS						
Argélia	—	—	—	125	5 567	423 092
Marrocos	145	6 464	581 769	1 397	62 229	4 899 158
Rodésias & V. Fed.	—	—	—	25	1 114	100 260
União Sul Africana	855	38 127	3 431 430	6 868	306 198	26 245 827
Canadá	6 828	304 367	27 357 471	138 733	5 990 413	485 451 167
Estados Unidos	199 492	8 892 597	799 510 025	4 172 033	180 156 350	14 797 298 391
Argentina	1 897	83 923	7 553 095	33 213	1 494 157	126 504 228
Uruguai	250	11 293	1 016 370	352	16 013	1 376 298
China	—	—	—	1 666	74 217	5 644 627
Chipre	—	—	—	100	4 458	400 764
Filipinas	—	—	—	635	28 306	2 149 894
Hong Kong	—	—	—	40 000	1 786 399	160 775 910
Israel	—	—	—	20 886	931 099	83 798 810
Japão	5 837	261 180	23 505 968	41 482	1 858 356	159 096 347
Líbano	100	4 458	401 220	100	4 458	401 220
Alemanha Ocidental	54 575	2 432 751	218 751 460	544 715	24 288 278	2 072 093 674
Alemanha Oriental	—	—	—	59 982	2 737 455	220 208 494
Áustria	241	10 800	60 950 658	154 073	6 871 055	572 763 964
Bélgica Luxemburgo	15 202	677 924	60 950 658	154 073	6 871 055	572 763 964
Dinamarca	27 456	1 223 253	110 048 337	305 007	13 591 808	1 135 179 786
Espanha	350	18 129	1 631 323	17 849	802 149	72 057 233
Finlândia	3 800	169 456	15 251 033	34 975	1 563 127	130 320 314
França	11 901	530 372	47 693 392	115 137	5 130 208	428 037 409
Grécia	708	31 982	2 878 269	4 261	196 110	16 437 360
Holanda	8 943	398 643	35 810 312	176 491	7 864 309	649 009 563
Hungria	1 000	45 360	4 082 400	11 313	505 549	40 311 004
Irlanda	—	—	—	170	7 577	681 179
Islândia	—	—	—	50	2 363	179 575
Iugoslávia	2 753	131 483	11 833 495	2 754	131 527	11 836 839
Itália	20 158	898 486	80 806 565	285 889	12 739 156	1 082 454 453
Noruega	18 537	830 752	74 767 231	295 495	13 292 345	1 109 408 731
Polônia	—	—	—	5 901	286 662	21 786 297
Reino Unido	1 715	76 453	6 869 270	111 112	4 681 217	396 346 753
Rumânia	—	—	—	11 383	554 996	42 179 726
Suécia	75 336	3 356 265	302 063 850	732 939	32 659 268	2 746 224 871
Suiça	250	11 145	1 003 050	35 237	1 570 741	128 456 374
Tchecoslováquia	3 000	147 600	13 284 000	5 350	254 965	21 441 839
União Soviética	53 333	2 233 808	201 042 720	250 000	1 470 975	942 387 750
Austrália	17	759	68 223	4 716	210 190	17 035 206
Nova Zelândia	—	—	—	353	15 738	1 270 349
Total	514 679	22 827 830	2 053 164 936	7 645 044	334 140 078	27 798 294 999

FONTE: I.B.C.

Exportação Brasileira de Café

— Segundo os países de destino —

NOVEMBRO E JANEIRO A NOVEMBRO DE 1960

I — CAFÉ CRU

DESTINO	MÊS DE NOVEMBRO			MESES DE JANEIRO A NOVEMBRO		
	Sacas de 60 quilos	Equiv. em mil US$	Valor em mil Cr$	Sacas de 60 quilos	Equiv. em mil US$	Valor em mil Cr$
ÁFRICA	16 319	605	54 468	131 310	4 707	387 090
Argélia	150	5	447	10 020	314	23 932
Costa do Marfim	—	—	—	125	4	315
Marrocos	751	23	2 084	20 380	665	52 251
Moçambique	200	8	713	1 128	47	3 968
Rep. Árabe Unida	2 750	83	7 455	17 775	562	47 239
Rodésia e Niassa Fed.	90	4	334	325	13	1 140
Tânger	943	29	2 643	13 265	421	34 121
Tunísia	375	11	1 013	5 984	207	16 630
União Sul Africana	11 060	442	39 779	62 308	2 474	207 494
AMÉRICA CENTRAL e NORTE	659 405	28 363	2 552 014	8 958 728	385 175	31 693 207
Antilhas Holandesas	—	—	—	345	14	1 054
Canadá	20 393	889	79 935	277 483	12 105	995 758
Estados Unidos	639 012	27 484	2 472 079	8 680 900	373 056	30 696 395
AMÉRICA DO SUL	15 984	580	52 161	515 547	18 429	1 541 526
Argentina	15 734	570	51 248	421 948	14 656	1 221 623
Chile	250	10	913	67 399	2 764	232 300
Paraguai	—	—	—	8 000	357	32 093
Uruguai	—	—	—	18 200	652	55 510
ÁSIA	21 268	809	72 824	188 590	7 402	640 864
China Cont.	—	—	—	1 666	74	5 645
Chipre	1 725	55	4 966	12 432	408	34 233
Filipinas	—	—	—	1 163	48	3 624
Hong Kong	—	—	—	40 000	1 786	160 776
Iran	—	—	—	100	3	251
Israel	8 248	368	33 093	28 152	1 237	111 101
Japão	3 220	144	12 945	36 903	1 651	140 266
Jordania	100	3	270	5 666	179	15 423
Líbano	7 975	239	21 550	55 240	1 749	145 516
Turquia	—	—	—	7 268	267	24 029
EUROPA	599 274	25 042	2 253 058	5 657 241	239 780	19 065 061
Albânia	—	—	—	2 452	108	8 911
Alemanha Ocidental	111 695	4 870	437 887	726 651	31 904	2 685 668
Alemanha Oriental	29 660	1 228	110 513	225 123	9 977	824 960
Andorra	—	—	—	190	8	634
Áustria	8 889	365	32 832	45 448	1 862	159 769
Bélgica Luxemburgo	46 273	1 788	160 826	317 445	12 772	1 068 746
Dinamarca	53 681	2 281	205 215	477 842	20 181	1 679 201
Espanha	1 250	45	4 032	125 414	5 388	447 173

(continua)

Exportação Brasileira de Café

NOVEMBRO E JANEIRO A NOVEMBRO DE 1960

(continuação)

DESTINO	MÊS DE NOVEMBRO			MESES DE JANEIRO A NOVEMBRO		
	Sacas de 60 quilos	Equiv. em mil US$	Valor em mil Cr$	Sacas de 60 quilos	Equiv. em mil US$	Valor em mil Cr$
Finlândia	27 936	1 081	97 252	364 178	14 377	1 223 923
França	53 272	1 936	174 182	522 890	19 064	1 576 065
Gibraltar	3 575	109	9 815	18 677	589	48 539
Grécia	13 487	520	46 822	66 089	2 516	209 752
Holanda	25 534	1 112	100 077	257 123	11 168	914 595
Hungria	—	—	—	17 485	772	61 142
Irlanda	—	—	—	170	8	681
Islândia	—	—	—	24 300	1 022	82 282
Itália	46 064	1 869	168 115	689 066	29 630	2 388 745
Iugoslávia	24 916	994	89 472	113 874	5 083	415 714
Malta	100	3	270	375	13	1 149
Noruega	40 033	1 793	161 373	392 027	17 561	1 456 069
Polônia	14 666	683	61 496	51 396	2 396	201 424
Reino Unido	15 584	691	62 234	150 349	6 318	535 994
Rumânia	—	—	—	11 383	555	42 180
Suécia	77 494	3 451	310 568	775 961	34 574	2 885 335
Suíça	3 650	162	14 612	46 935	2 082	172 347
Tchecoslováquia	1 515	61	5 456	37 731	1 615	132 718
União Soviética	—	—	—	196 667	8 237	741 345
OCEÂNIA	1 120	48	4 356	7 736	340	28 547
Austrália	1 086	46	4 219	7 383	324	27 277
Nova Zelândia	34	2	137	353	16	1 270
Total	1 313 370	55 457	4 988 881	15 459 152	655 833	54 256 295

II — CAFÉ INDUSTRIALIZADO

DESTINO	Saca ds 60 quilos	Equiv. em mil US$	Valor em mil Cr$	Sacas de 60 quilos	Equiv. em mil US$	Valor em mil Cr$
CAFÉ SOLÚVEL						
AMÉRICA DO SUL	—	—	—	106	3	581
CAFÉ TORRADO						
AMÉRICA DO NORTE	—	—	—	6	0	26

Obs.: — 1 saca de café cru equivale, aproximadamente, a 14,5 quilos de café solúvel e a 48 quilos de café torrado.

Fonte: I.B.C.

IMPORTAÇÃO DE CAFÉ PARA CONSUMO PELOS ESTADOS UNIDOS

JANEIRO-DEZEMBRO DE 1960 — JANEIRO-DEZEMBRO DE 1959 — COMPARADO
(Sacas de 60 quilos ou 132,276 libras-pêso)

PROCEDÊNCIA	1.º Janeiro a 31 Dez. 1960	1.º Janeiro a 31 Dez. 1959	Porcentagem do total Jan-Dez 1960	Porcentagem do total Jan-Dez. 1959	Aumento sôbre Jan.-Dez. 1959 Volume	Decréscimo sôbre porcentagem
Pan-American Coffee Bureau						
Brasil	9 252 447	10 653 122	41 9	45 8	— 1 400 675	— 13 1
Colômbia	4 258 668	4 905 861	19 3	21 1	— 647 193	— 13 2
México	1 101 720	1 083 497	5 0	4 7	+ 18 223	+ 1 7
Guatemala	798 943	989 657	3 6	4 3	— 190 714	— 19 3
El Salvador	445 551	620 650	2 0	2 7	— 175 099	— 28 2
Venezuela	344 643	401 629	1 5	1 7	— 56 986	— 14 2
República Dominicana	403 309	307 564	1 8	1 3	+ 95 745	+ 31 1
Costa Rica	271 274	246 694	1 2	1 1	+ 24 580	+ 10 0
Equador	327 238	241 802	1 5	1 0	+ 85 436	+ 35 3
Nicarágua	175 136	153 917	0 8	0 7	+ 21 219	+ 13 8
Honduras	332 043	146 378	1 5	0 6	+ 185 665	+ 126 8
Cuba	1 427	34 742	—	0 1	— 33 315	— 95 9
Panamá	16 170	21 598	0 1	0 1	— 5 428	— 25 1
Total Pan-American Coffee Bureau	**17 728 569**	**19 807 111**	**80 2**	**85 2**	**— 2 078 542**	**— 10 5**
Outros do Hemisfério Oriental						
Peru	346 907	232 475	1 6	1 0	+ 114 432	+ 49 2
Haití	63 877	85 067	0 3	0 4	— 21 190	— 24 9
Índia Ocidental Britânica	28 649	36 781	0 1	0 2	— 8 132	— 22 1
Guiana Francesa	—	11 668	—	—	— 11 668	— 100 0
Guiana Holandesa	25 061	9 037	0 1	—	+ 16 024	+ 177 3
Bolívia	14 268	4 531	0 1	—	+ 9 737	+ 214 9
Índia Ocidental Holandesa	1 714	4 219	—	—	— 2 505	— 59 4
Chile	200	258	—	—	— 58	— 22 5
Canadá	15	19	—	—	— 4	— 21 1
Paraguai	34 838	2 654	0 2	—	+ 32 184	+ (*)
Argentina	662	—	—	—	+ 662	+ —
Guiana Inglesa	30	—	—	—	+ 30	+ —
Total Outros do Hemisfério Oriental	**516 221**	**386 709**	**2 4**	**1 6**	**+ 129 512**	**+ 33 5**
Total: Hemisfério Oriental	**18 244 790**	**20 193 820**	**82 6**	**86 8**	**— 1 949 030**	**— 9 7**
ÁFRICA:						
Congo (ex-Belga)	644 567	812 926	2 9	3 5	— 168 259	— 20 7
África Portuguesa	803 913	752 434	3 6	3 2	+ 51 479	+ 6 8
África Oriental Britânica	932 427	729 801	4 2	3 1	+ 202 626	+ 27 8
África & Madagascar	791 929	388 228	3 6	1 7	+ 403 701	+ 104 0
Etiópia Francesa	566 310	267 276	2 6	1 1	+ 299 034	+ 111 9
África Ocidental Britânica	50 095	58 876	0 2	0 3	— 8 781	— 14 9
Libéria	12 199	11 982	0 1	0 1	+ 217	+ 1 8
Ghana	1 672	5 580	—	—	— 3 908	— 70 0
União Sul Africana	4 979	3 216	—	—	+ 1 763	+ 54 8
TOTAL ÁFRICA	**3 808 091**	**3 030 219**	**17 2**	**13 0**	**+ 777 872**	**+ 25 7**
ÁSIA & OCEÂNIA:						
Arábia	12 945	15 160	0 1	0 1	— 2 215	— 14 6
Indonésia	19 114	12 962	0 1	0 1	+ 6 152	+ 47 5
Singapura	6 837	6 281	—	—	+ 556	+ 8 9
Índia	7 860	6 006	—	—	+ 1 854	+ 30 9
Ásia Portuguesa	2 732	1 937	—	—	+ 795	+ 41 0
TOTAL ÁSIA & OCEÂNIA	**49 448**	**42 346**	**0 2**	**0 2**	**+ 7 142**	**+ 16 9**
VÁRIOS	**(*)1 859**	**($) 3 449**	—	—	**— 1 590**	**— 46 1**
TOTAL DAS IMPORTAÇÕES	**22 104 228**	**23 269 834**	**100 0**	**100 0**	**1 165 606**	**5 0**

FONTE: Dados básicos do Departamento do Comércio dos Estados Unidos.
(*) Importações da Suiça. ($) Importações da Suiça e Palestina.

COTAÇÕES DE CAFÉ NO DISPONÍVEL DE SANTOS, RIO DE JANEIRO E VITÓRIA

JANEIRO DE 1961

DIAS	SANTOS			RIO	VITÓRIA
	Estilo Santos Tipo 4	Estilo Santos R. - Tipo 4	Sem descrição Tpo 4	Tipo 7	Tipo 7
2	596 50	591 50	586 50	—	—
3	600 00	592 50	586 50	490 00	420 00
4	600 00	592 50	586 50	490 00	420 00
5	601 00	593 50	586 50	490 00	420 00
6	—	—	—	490 00	420 00
9	601 00	593 50	586 50	490 00	420 00
10	602 50	596 00	588 50	490 00	420 00
11	—	—	—	490 00	420 00
12	—	—	—	490 00	420 00
13	—	—	—	490 00	420 00
14	605 50	598 50	590 00	—	—
16	605 50	598 50	590 00	490 00	420 00
17	605 50	598 50	590 00	490 00	420 00
18	607 50	598 50	590 00	490 00	420 00
19	608 50	598 50	590 00	490 00	420 00
20	608 50	598 50	590 00	—	420 00
21	608 50	598 50	590 00	—	—
23	608 50	598 50	590 00	490 00	420 00
24	608 50	598 50	590 00	490 00	420 00
25	—	—	—	490 00	420 00
26	—	—	—	490 00	420 00
27	608 50	598 50	590 00	490 00	420 00
28	608 50	598 50	590 00	—	—
30	608 50	598 50	590 00	490 00	420 00
31	608 50	598 50	590 00	490 00	420 00
Mínima	**596 50**	**591 50**	**586 50**	**490 00**	**420 00**
Média	**605 34**	**596 84**	**589 00**	**490 00**	**420 00**
Máxima	**608 50**	**598 50**	**590 00**	**490 00**	**420 00**

Procure ler boas publicações sôbre assuntos agrícolas. E consulte os técnicos. Não trabalhe rotineiramente.

COTAÇÕES DO CAFÉ BRASILEIRO NO DISPONÍVEL DE NOVA YORK

JANEIRO DE 1961

Em cents por libra-pêso (453,60)

DIAS	SANTOS			
	Tipo 2/3 FOB	Tipo 4 FOB	Tipo 2/3 Disp. N. Y.	Tipo 4 Disp. N. Y.
3	34.25	34.00	37.00	36.25
4	34.25	34.00	37.00	36.25
5	34.25	34.00	37.00	36.25
6	34.25	34.00	37.00	36.50
9	34.25	34.00	37.00	36.50
10	34.75	34.50	37.00	36.50
11	34.75	34.50	37.00	36.50
12	34.75	34.50	37.00	35.50
13	34.75	34.50	37.00	36.50
16	34.75	34.50	37.00	36.50
17	34.75	34.50	37.00	36.50
18	34.75	34.50	37.00	36.50
19	34.75	34.50	37.00	36.75
20	34.75	34.50	37.00	36.75
23	34.75	34.50	37.00	36.75
24	34.75	34.50	37.00	36.75
25	34.75	34.50	37.00	36.75
2[illegible]	34.75	34.50	37.00	36.75
[illegible]	34.75	34.50	37.00	36.75
[illegible]	34.75	34.50	37.25	36.75
31	34.75	34.50	37.25	36.75
Mínima —	34.25	34.00	37.00	36.25
Média —	34.63	34.38	37.02	36.57
Máxima —	34.75	34.50	37.25	36.75

Não seja um destruidor da flora e da fauna. A vida de uma árvore ou de um animal merecem ser protegidas.

Cotações de café a têrmo em Nova York

Em cents por libra-pêso (453,60) — Contrato "B"
JANEIRO DE 1961

DIAS	MARÇO - 1961		MAIO		JULHO		SETEMBRO		DEZEMBRO	
	A	F	A	F	A	F	A	A	A	F
3	N/Cot.	36.19	35.30	35.45	35.25	34.96	34.46	34.54	34.01	34.11
4	36.25	36.04	35.20	35.35	35.10	34.90	34.60	34.48	43.20	34.04
5	36.10	35.86	35.45	35.20	34.90	34.75	34.51	34.26	34.10	33.81
6	36.00	35.86	35.35	35.20	34.90	34.80	34.40	34.26	33.90	33.81
9	36.09	36.05	35.42	35.35	34.90	34.95	34.40	34.40	33.95	34.01
10	36.10	36.07	35.45	35.44	35.00	35.00	34.41	34.46	34.00	34.04
11	36.20	35.90	35.55	35.20	35.05	34.75	34.50	34.20	34.02	33.79
12	35.75	35.79	35.30	35.01	34.50	34.60	34.30	34.01	33.75	33.60
13	35.80	35.50	35.10	34.45	34.50	34.10	34.00	35.51	33.60	33.11
16	34.40	35.60	34.35	34.50	34.00	34.10	33.45	33.52	33.10	33.14
17	35.70	36.01	34.40	34.86	34.20	34.39	33.52	33.79	33.18	33.41
18	36.20	36.45	35.25	35.36	35.00	34.76	34.00	34.11	33.65	33.71
19	36.45	36.30	35.45	35.51	34.90	34.70	34.30	34.04	33.75	33.60
20	36.26	36.25	35.50	35.31	34.75	34.71	34.15	34.10	33.70	33.60
23	36.35	36.25	35.40	35.31	34.50	34.71	34.15	34.05	33.67	33.55
24	36.50	36.54	35.50	35.65	34.80	35.05	34.00	34.25	33.60	33.72
25	36.75	36.54	35.25	35.66	35.25	35.06	34.40	34.25	33.85	33.69
26	36.31	36.24	35.75	35.55	35.25	34.90	34.30	34.09	33.70	33.55
27	36.25	36.50	35.65	35.66	35.10	35.01	34.20	34.10	33.60	33.56
30	36.50	36.41	35.70	35.60	35.10	35.01	34.17	34.10	33.70	33.60
31	36.50	36.55	33.70	35.71	35.25	35.00	35.15	34.15	33.55	33.61
Mínima	34.40	35.50	34.35	34.45	34.00	34.10	33.45	33.51	33.10	33.11
Média	36.12	36.13	35.33	35.29	34.67	34.77	34.20	34.12	33.74	33.67
Máxima	36.75	36.55	35.75	35.71	35.25	35.06	34.60	34.54	34.20	34.11

COTAÇÕES DE CAFÉ NÃO BRASILEIRO EM NOVA YORK

MÊS DE JANEIRO DE 1961 — **Em cents por libra-pêso (453.60)**

PROCEDÊNCIA	SANTOS				MÉDIA
	4	11	18	25	
COLÔMBIA:					
Medelim Excelso	44.50	44.50	44.00	44.75	44.43
Armênia	44.50	44.50	44.00	44.75	44.43
Manizales	44.50	44.50	44.00	44.75	44.43
COSTA RICA:					
Hard	43.00	41.50	N/Cot.	N/Cot.	42.25
Atlantic fino	41.50	41.50	41.50	,,	41.50
EQUADOR:					
Lavado	36.50	36.50	36.50	36.50	36.50
Extra não lavado	29.50	30.00	30.00	29.50	29.75
GUATEMALA:					
Antigua	42.00	42.00	N/Cot.	N/Cot.	42.00
Bourbon	N/Cot.	N/Cot.	,,	,,	—
Extra primeira	39.50	39.75	39.25	39.00	39.38
Lavado bom	39.00	40.75	38.50	38.50	39.18
HAITÍ:					
Lavado bom mole	39.00	39.00	39.00	39.00	39.00
Catado à mão	33.75	33.00	33.00	33.50	33.35
HONDURAS:					
Lavado bom	40.50	40.50	40.50	40.50	40.50
Tipo 5 — Comum duro	N/Cot.	N/Cot.	N/Cot.	N/Cot.	—
MÉXICO:					
Coatepec	42.50	42.50	40.50	42.50	42.00
Tapachula primeira	41.00	41.00	N/Cot.	39.00	40.33
NICARÁGUA:					
Matagalpa	N/Cot.	39.25	39.25	N/Cot.	39.25
Lavado bom	,,	39.00	39.00	,,	39.00
EL SALVADOR					
Central Standard	41.00	41.00	39.25	39.25	40.10
S. DOMINGOS:					
Lavado bom mole	37.00	36.75	36.75	37.75	37.06
Fino	38.00	37.75	37.75	39.00	38.12
VENEZUELA:					
Tachiras	39.75	39.75	39.75	N/Cot.	39.75
CONGO BELGA:					
Lavado robusta	41.00	41.00	41.00	40.50	41.12
Natural robusta	20.50	20.50	20.50	20.00	20.37
MOCA:					
Moca arábia	41.50	41.00	41.00	41.00	41.12
INDONÉSIA:					
Genuino Lavado	34.50	34.50	34.50	34.50	34.50
UGANDA:					
Lavado	19.50	19.50	18.50	19.50	19.25
ETIÓPIA:					
Harrar	37.50	37.00	36.50	36.50	36.87
Djima	35.50	37.25	35.25	34.50	38.12
COSTA DO MARFIM:					
Courant robusta	19.50	N/Cot.	19.50	N/Cot.	19.50

Observação: (2) As cotações acima se referem a "Desembarcado a vista líquido".

MOVIMENTO DE CAFÉ DO ESTOQUE DISPONÍVEL EM SANTOS

NOVEMBRO DE 1960

DIAS	Liberado	Autorizado para embarque	Vendido	Embarcado	Estoque Disponível
3	40 912	1 601	6 891	1 345	4 347 446
4	19 382	1 733	14 079	1 965	4 364 863
5	481	6 901	15 814	3 643	4 361 701
7	22 269	27 648	25 498	29 472	4 354 498
8	33 485	27 636	36 691	26 802	4 361 181
9	77 077	18 158	92 919	21 705	4 416 553
10	30 656	9 513	54 599	15 116	4 432 093
11	46 325	36 128	54 336	36 736	4 441 682
12	6 699	21 564	74 814	16 942	4 431 439
14	31 638	26 374	89 037	26 232	4 436 845
16	17 514	12 759	112 689	18 300	4 436 059
17	20 586	14 328	55 172	10 207	4 446 438
18	14 119	1 883	42 101	24 569	4 435 988
19	13 344	5 030	12 134	4 541	4 444 791
21	5 568	8 542	144 714	21 334	4 429 025
22	12 319	14 709	39 325	10 774	4 430 570
23	10 279	4 175	62 882	2 680	4 438 169
24	5 092	6 064	50 655	7 448	4 435 813
25	6 193	21 143	38 047	12 731	4 429 275
26	35 215	6 602	12 402	4 703	4 459 787
28	13 767	18 097	41 855	19 015	4 454 539
29	35 163	5 867	63 474	3 067	4 486 635
30	18 682	66 995	86 951	16 525	4 488 792
Total	**516 765**	**363 450**	**1 227 079**	**335 852**	—

Prevenir a erosão: — Com a lavagem da terra pelas enxurradas perde-se boa parte de sua fertilidade. Em terras acidentadas é preciso "terracear" ou plantar em curvas de níveis. Sendo levemente inclinadas, deve-se plantar sempre no sentido contrário ao das enxurradas, "cortando" as águas.

Câmbio no Rio de Janeiro sôbre diversas praças

I — MERCADO OFICIAL — VENDAS A VISTA

JANEIRO DE 1961

DIAS	Londres Libra	N. York Dolar	Suiça Franco	Portugal Escudo	Argentina Pêso	Uruguai Pêso	Chile Pêso	Suécia Coroa	Holanda Florim
3	53 10 28	18 92 00	4 40 04	0 66 79	—	1 75 01	—	3 66 48	5 02 38
4	53 13 87	18 92 00	4 39 98	0 66 79	—	1 75 01	—	3 66 39	5 02 33
5	53 15 20	18 92 00	4 39 98	0 66 79	—	1 75 01	—	3 66 29	5 02 23
6	53 15 38	18 92 00	4 39 98	0 66 79	—	1 75 01	—	3 66 20	5 02 23
7	53 15 95	18 92 00	4 40 02	0 66 79	—	1 75 01	—	3 66 20	5 02 33
9	53 15 95	18 92 00	4 40 02	0 66 79	—	1 75 01	—	3 66 20	5 02 33
10	53 16 52	18 92 00	4 40 06	0 66 79	—	1 75 01	—	3 66 20	5 02 33
11	53 16 52	18 92 00	4 40 08	0 66 79	—	1 75 01	—	3 66 25	5 02 33
12	53 16 52	18 92 00	4 39 98	0 66 79	—	1 75 01	—	3 66 18	5 02 17
13	53 17 84	18 92 00	4 40 17	0 66 79	—	1 75 01	—	3 66 18	5 02 29
14	53 17 84	18 92 00	4 40 21	0 66 79	—	1 71 98	—	3 66 42	5 02 42
16	53 17 84	18 92 00	4 40 21	0 66 79	—	1 71 98	—	3 66 42	5 02 42
17	53 16 14	18 92 00	4 40 15	0 66 79	—	1 71 98	—	3 66 42	5 02 46
18	53 16 90	18 92 00	4 40 15	0 66 79	—	1 71 98	—	3 66 44	5 02 46
19	53 18 60	18 92 00	4 40 15	0 66 70	—	1 71 98	—	3 66 54	5 02 46
20	53 18 60	18 92 00	4 40 15	0 66 79	—	1 71 98	—	3 66 54	5 02 46
23	53 18 60	18 92 00	4 40 15	0 66 79	—	1 71 98	—	3 66 54	5 02 46
24	53 17 09	18 92 00	4 40 15	0 66 79	—	1 71 98	—	3 66 82	5 02 31
25	53 17 09	18 92 00	4 40 02	0 66 79	—	1 71 98	—	3 66 82	5 02 16
26	53 17 28	18 92 00	4 40 02	0 66 79	—	1 71 98	—	3 66 82	5 02 16
27	53 17 28	18 92 00	4 40 02	0 66 79	—	1 71 98	—	3 66 86	5 01 93
28	53 17 28	18 92 00	4 39 93	0 66 79	—	1 71 98	—	3 66 99	5 01 93
30	53 17 28	81 92 00	4 39 93	0 66 79	—	1 71 98	—	3 66 99	5 01 93
31	53 14 63	18 92 00	4 39 76	0 66 79	—	1 71 98	—	3 66 99	5 01 34
Mínima	53 10 28	18 92 00	4 39 76	0 66 79	—	1 71 98	—	3 66 18	5 01 34
Média	53 16 52	18 92 00	4 40 05	0 66 79	—	1 73 24	—	3 66 50	5 02 24
Máxima	53 18 60	18 92 00	4 40 21	0 66 79	—	1 75 01	—	2 66 99	5 02 46

Câmbio no Rio de Janeiro sôbre diversas praças

II — MERCADO OFICIAL — COMPRAS A VISTA

JANEIRO DE 1961

DIAS	Londres Libra	N. York Dolar	Suiça Franco	Portugal Escudo	Argentina Pêso	Uruguai Pêso	Chile Pêso	Suécia Coroa	Holanda Florim
3	51 47 59	18 36 00	4 26 47	0 64 26	—	1 66 16	—	3 55 27	4 86 96
4	51 51 08	18 36 00	4 26 41	0 64 26	—	1 66 18	—	3 55 17	4 86 91
5	51 52 37	18 36 00	4 26 41	0 64 26	—	1 66 18	—	3 55 08	4 86 82
6	51 52 55	18 36 00	4 26 41	0 64 26	—	1 66 18	—	3 54 99	4 86 82
7	51 53 10	18 36 00	4 26 45	0 64 26	—	1 66 18	—	3 54 99	4 86 91
9	51 53 10	18 36 00	3 26 46	0 64 26	—	1 66 18	—	3 54 99	4 86 91
10	51 53 65	18 36 00	4 26 48	0 64 26	—	1 66 18	—	3 54 99	4 86 91
11	51 53 65	18 36 00	4 26 50	0 64 26	—	1 66 18	—	3 55 05	4 86 91
12	51 53 10	18 36 00	4 26 41	0 64 26	—	1 66 18	—	3 54 97	4 86 76
13	51 54 02	18 36 00	4 26 50	0 64 26	—	1 66 18	—	3 54 97	4 86 78
14	51 54 00	18 36 00	4 26 54	0 64 26	—	1 66 53	—	3 55 03	4 86 91
16	51 54 02	18 36 00	4 26 54	0 64 26	—	1 66 53	—	3 55 03	4 86 91
17	51 52 37	18 36 00	4 26 48	0 64 26	—	1 66 53	—	3 55 03	4 86 94
18	51 53 10	18 36 00	4 26 48	0 64 26	—	1 66 53	—	3 55 05	4 86 94
19	51 54 75	18 36 00	4 26 48	0 64 26	—	1 66 53	—	3 55 13	4 86 94
20	51 54 75	18 36 00	4 26 48	0 64 26	—	1 66 55	—	3 55 13	4 86 94
23	51 54 75	18 36 00	4 26 48	0 64 26	—	1 66 55	—	3 55 13	4 86 94
24	51 53 28	18 36 00	4 26 48	0 64 26	—	1 66 53	—	3 55 41	4 86 80
25	51 53 28	18 36 00	4 26 36	0 64 28	—	1 66 53	—	3 55 41	4 86 65
26	51 53 47	18 36 00	4 26 36	0 64 28	—	1 66 53	—	3 55 41	4 86 65
27	51 53 47	18 36 00	4 26 36	0 64 28	—	1 66 53	—	3 55 45	4 86 43
28	51 53 47	18 36 00	4 26 26	0 64 28	—	1 66 53	—	3 55 58	4 86 43
30	51 53 47	18 36 00	4 26 26	0 64 28	—	1 66 53	—	3 55 58	4 86 43
Mínima	51 47 59	18 36 00	4 26 12	0 64 26	—	1 66 16	—	3 54 97	4 85 86
Média	51 52 13	18 36 00	4 26 42	0 64 26	—	1 66 38	—	3 55 18	4 86 77
Máxima	51 54 75	18 36 00	4 26 54	0 64 28	—	1 66 55	—	3 55 58	4 86 96

ÍNDICE

COLABORAÇÕES:

RESUMO E TRANSCRIÇÕES:

ATOS OFICIAIS:

ESTATÍSTICAS:

MOVIMENTO DE CAFÉ NA PRAÇA DE SANTOS

MÊS DE DEZEMBRO DE 1960 — Unidade: Saca de 60 kg

DIAS	ENTRADA POR PROCEDÊNCIA					Total	ENTRADA POR VIAS			Embarcado	Revertido	Revertido	Estoque Físico
	Paulista	Mineiro	Goiano	Paranaense	Mato-grossense		E.F.S.J.	E.F.S.	Rodovia				
1	4 824	2 113	—	—	—	16 051	—	6 937	9 114	17 335	—	175	4 843 442
2	2 006	510	—	19	—	12 556	—	2 535	10 021	15 125	—	31	4 840 904
3	2 107	878	—	—	—	7 639	—	2 985	4 654	29 347	—	43	4 819 239
5	—	—	—	—	—	11 172	—	—	11 172	19 293	—	85	4 811 203
6	7 911	1 110	—	—	—	18 521	9 021	—	9 500	49 995	—	36	4 779 765
7	11 987	3 349	—	700	—	24 823	13 324	2 712	8 787	36 985	—	461	4 768 064
9	1 623	—	—	—	—	10 618	1 623	—	8 995	22 442	—	52	4 756 292
10	—	—	—	—	—	4 317	—	—	4 317	14 909	—	8	4 745 708
12	—	—	—	—	—	10 294	—	—	10 294	15 485	—	30	4 740 547
13	1 540	980	—	—	—	8 242	1 309	1 211	5 722	32 006	—	63	4 716 846
14	4 013	2 383	—	—	—	11 718	6 396	—	5 322	11 489	—	23	4 717 098
15	2 062	924	—	469	—	9 834	—	3 455	6 379	9 041	—	423	4 718 314
16	—	—	—	—	—	4 493	—	—	4 493	9 725	—	32	4 713 114
17	—	—	—	—	—	3 492	—	—	3 492	16 213	—	20	4 700 413
19	9 522	2 558	—	1 030	—	22 349	7 764	5 346	9 239	26 745	—	497	4 696 514
20	23 838	929	—	2 094	—	32 338	16 861	10 009	5 477	26 458	—	64	4 702 458
21	24 542	1 482	—	1 827	84	33 009	16 601	11 334	5 074	15 108	—	151	4 720 510
22	22 072	70	—	3 326	364	32 013	6 933	18 889	6 181	15 535	—	90	4 737 078
23	19 863	189	—	2 387	2 569	31 801	—	25 008	6 793	8 711	—	398	4 760 566
24	23 556	—	—	1 449	—	26 865	—	25 005	1 860	496	—	—	4 786 935
26	23 775	—	—	1 400	—	26 133	8 137	17 038	958	1 475	—	260	4 811 853
27	22 621	360	—	3 263	—	29 032	10 498	15 746	2 788	19 257	—	358	4 821 986
28	11 519	—	—	6 626	—	21 479	7 312	10 833	3 334	18 383	—	114	4 825 196
29	16 900	497	—	2 010	—	21 554	14 265	5 142	2 147	34 856	—	125	4 812 019
30 ...	9 538	141	—	2 645	—	13 405	9 882	2 442	1 081	30 723	—	442	4 795 143
31 ..	—	—	—	—	—	710	—	—	710	38 422	—	136 144	4 893 575
Total ..	245 819	18 473	—	29 245	3 017	444 458	129 926	166 628	147 904	535 559	—	140 125	—

É NA PRAÇA DE SANTOS

Unidade: Saca de 60 kg

Total	ENTRADA POR VIAS			Embarcado	Retirado	Revertido	Estoque Físico
	E.F.S.J.	E.F.S.	Rodovia				
19 417	14 620	3 660	1 137	17 538	—	—	4 895 454
4 783	—	—	4 783	10 606	—	55	4 889 686
15 873	9 477	1 152	5 244	21 652	—	5	4 883 912
13 768	12 450	—	1 318	21 441	—	57	4 876 296
44 547	42 988	—	1 559	12 295	—	19	4 908 567
27 101	19 720	4 980	2 401	100	—	61	4 935 629
31 800	—	29 768	2 032	15 095	—	29	4 952 363
28 278	13 386	10 156	4 736	38 115	—	14	4 942 540
7 768	—	5 088	2 680	44 837	—	73	4 905 544
12 967	5 380	3 041	4 546	5 334	—	79	4 913 25(
35 521	15 111	19 179	1 231	16 736	—	279	4 932 330
38 467	21 156	15 001	2 310	35 982	—	1 587	4 936 402
40 077	19 946	16 648	3 663	18 338	—	5	4 958 146
37 657	21 047	15 889	721	8 700	—	3	4 987 106
30 637	14 563	15 002	1 072	4 750	—	38	5 013 031
30 814	21 082	7 067	2 665	10 591	—	—	5 033 254
29 196	28 634	—	562	1 968	—	56	5 060 538
6 624	3 495	1 079	2 050	4 427	—	409	5 063 144
7 236	2 056	2 218	2 962	65 862	—	113	5 000 357
2 335	—	—	2 335	31 315	—	87	4 971 464
967	—	—	967	15 500	—	6	4 956 937
3 901	—	—	3 901	20 872	—	26	4 939 992
2 357	—	—	2 357	19 875	99 981	—	4 826 767
472 091	265 111	149 748	57 232	441 929	99 981	3 011	—

BALANCETE DA RECEITA E DESPESA DO PATRIM

EM 31

RECEITA

	Cr$	Cr$	Cr$
RECEITA ORDINÁRIA			
Ordinária			
Tributária	26.044.788,00		
Patrimonial	33.882.160,00		
Indusrial	14.400,00	59.941.348,00	
Extraordinária			
Diversos		5.940.269,00	65.881.6
RECEITA EXTRAORÇAMENTÁRIA			
Taxa-Ouro		75,20	
Depósitos		354.125,00	
Diversos		83.649.702,60	84.003.9
			149.885.5
SALDOS DO EXERCÍCIO ANTERIOR			
Em Bancos		196.135.392,30	
Em Caixa		167.335,00	
Correspondente no Estrangeiro		14.341.600,00	210.644.3
			360.529.8

Departamento de Con

Visto

Auditoria da Fazenda, 7-1

WALDEMAR CAMARGO ABREU
Chefe do Departamento de Contabilidade — Substituto — G. Livros —
CRC. — Sp. n. 5159

DEMÉTRIO VIEIRA DAN
Diretor da Secretaria da Fa
Contador — CRC. — Sp.

ONIO DO INSTITUTO DE CAFE' DO ESTADO DE SÃO PAULO

. DE MAIO DE 1960

	DESPESA			
		Cr$	Cr$	Cr$
	DESPESA ORÇAMENTÁRIA			
	Serviço da Dívida Fundada .	19.395.215,00		
	Encargos Diversos	132.905,30		
	Administração Imobiliária	3.329.574,80		
	Administração	2.574.304,70	25.431.999,80	
	CRÉDITOS ADICIONAIS			
	Créditos Especiais			
17,00	Decreto n. 36.367 de 9-3-1960		10.000.000,00	35.431.999,
	DESPESA EXTRAORÇAMENTÁRIA			
	Restos a Pagar — 1958		98.514,80	
	Restos a Pagar — 1959		38.285.333,60	
02,80	Depósitos		61.196,40	
	Diversos		5.788.118,60	44.233.1
19,80				79.665.16
	SALDOS PARA O MÊS SEGUINTE			
	Em Bancos		280.339.314,50	
	Em Caixa		515.369,40	
27,30	Suprimentos		10.000,00	280.864.68
47,10				360.529.84

tabilidade, 31 de maio de 1960

47
-60

ESE
enda
176

Visto

GARCIA NEVES DE MORAES FORJAZ JUNIOR
Gerente, Substituto



Simplify Your Coffee Problems

Use

More



INDÚSTRIA GRÁFICA SIQUEIRA S/A.